

Stadium

N.º 276

17 de Março de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto J. GARCIA

SPORTING-ELVAS

Peyroteo, depois de passar o adversário, prepara o remate. Mas para a rede elvense não surgiu perigo



Os segundos planos reagem...

O Vitória de Guimarães afastou o Estoril do primeiro grupo, enquanto Braga e Elvas fizeram perigo a Porto e o Sporting

Crónica de RODRIGUES TELES

Eis os resultados:

Vitória G....	2	—	Estoril....	1
Porto.....	2	—	Sp. Braga....	1
Académica..	2	—	Benfica.....	6
Sporting....	2	—	Elvas.....	1
Atlético....	3	—	Belenses....	3
Setúbal.....	0	—	Boavista....	1
Lusitano....	0	—	Olhanense..	0

No primeiro golpe de apreciação aos resultados do último domingo, encontram-se números escassos, que talvez provem da dificuldade notória de alguns seleccionados, a 8 dias do Portugal-Espanha... De facto, principalmente nos jogos Sporting-Elvas e Porto-Braga, notaram-se retratamentos perigosos, pois não há adversários fáceis e tanto bracaraenses como elvenses procuram subir ainda na classificação, para evitar surpresas...

Esquecendo os resultados do Lumiar e da Constituição, e passando mesmo por cima da derrota estorilista em Guimarães, todos os outros grupos fizeram o normal. O Belenses passou a dificuldade maior de momento, o Atlético ganhou bem a Boavista, o Benfica destroçou a oposição coimbrã e entre algavios verificou-se novo empate, desta vez sem golos de um lado e do outro.

Os vimaranenses tiveram o seu dia...

Também era justo. A equipa do Vitória de Guimarães tem passado a prova sem grandes resultados, mas já os «provocou» várias vezes. Sporting, Belenses e Porto ganharam no seu campo e o Benfica empatou. O primeiro «grande» que sofreu o amargo da derrota foi o Estoril, e o jogo pendeu sem dúvida para os locais, organizados

superiormente na defesa e rematadores oportunos.

Com este resultado fica o Estoril a 5 pontos dos dois primeiros. A derrota desta magnífica equipa desfez por agora o grupo da vanguarda, podendo dizer-se que as coisas começam a esclarecer-se um tanto. De todos os modos, um dos grupos deu um passo firme: — o Vitória de Guimarães. Cá para traz surgem dificuldades, e há equipas capazes de interromper ainda a marcha dos grandes.

Os grupos:
Vitória (G.) — Machado, Ferreira, Curado, Costa, Armando, Luciano, Franklin, Rebelo, Brioso, Miguel e Alcino.

Estoril — Laranjeira, Pereira, Elói, Alberto, Cassiano, Fraga-teiro, Lourenço, Gonzaga, Mota, Vieira e Raul Silva,
Arbitro, Mateus Soares, do Porto.

Bom resultado para os bracaraenses

Outra equipa disposta a bater-se é sem dúvida a do Sporting de Braga, que mestre Alberto Augusto dirige cuidadosamente. Os rapazes da capital minhota foram ao campo da Constituição embaraçar os campeões, que se ficaram em 2-1 e estiveram preocupados na última fase da partida.

Claro que o F. C. do Porto foi mais *team*, dominando fortemente na segunda parte, mas os bracaraenses remeteram-se a uma defesa energética e produtiva, ao mesmo tempo que procuraram aproveitar, inteligentemente, as melhores oportunidades. Foi ocasião do Porto «sofrer» com a tática, pois o empate chegou a ameaçar as suas redes.

O Porto jogou sem Carvalho,

que fez substituir por um junior do ano passado. O treinador lá sabe. Porém, a crítica assinala que a passagem de Gastão para o seu antigo lugar e de Freitas, por exemplo, para o ataque, teria resolvido o problema. Em verdade, todos os aplausos são devidos a Sporting de Braga, em nitida subida de forma e de ânimo.

As equipas:

F. C. do Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Albano, Vergílio, Sanfins, Araújo, C. Dias, Gastão e Catolino.

Braga — Marques, Palmeira, Sobral, Vilaça, Daniel, Marques, Nelo, Eloi, Mário, Diamantino e Francisco.

Arbitro — Abel Ferreira, de Lisboa.

A Académica resistiu algum tempo...

Pode uma equipa, cheia de vontade, briosa como poucas, sobrepor-se ao valor maeico do adversário? A's vezes pode. Mas não pôde a Académica, no último domingo, bater um adversário cauteloso como o Benfica, ainda em corrida para o título máximo.

Os estudantes estão a fazer esforços, todos os esforços possíveis, mas precisam também da «sorte do jogo» por si. A perda de alguns elementos, na época finda, desarraijou a equipa, e a distância de dois pontos também perturba — embora se pense o contrário.

Espera-se que os estudantes tenham ainda o seu dia e se aproximem dos adversários de Braga, com quem andam em despique. O Benfica não se deixou surpreender, embora chegasse ao intervalo empatado. No segundo tempo, os académicos não conseguiram resistir à embalagem forte dos encarnados — como era natural...

Alinharam:
Académica — Prates, Oliveira, Brás, Branco, Diogo, Azevedo, Micael, Pacheco Nobre, Ataz, Leite e Bentes.

Benfica — Rogério, Jacinto, Fernandes, Moreira, Felix, Francisco Ferreira, Melão, Arsénio, Júlio, Corona e Vitor Baptista.
Arbitro — Augusto Pacheco, de Aveiro.

Não há adversários fáceis!

O caso do Sporting-Elvas afirma-o de maneira concludente, definitiva. Embora se vissem Jesus Correia, Travaços e Vasques retratados, talvez demasiadamente, também não pode olvidar-se que

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração
RUA DA ROSA, 252-1.º
Telefone 51187 — LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:
TAVARES DA SILVA

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

o Elvas possui grupo aguerrido, agora valorizado com a entrada de dois espanhóis cedidos pelo Madrid: Calleja e Rafa. Surpreende a cedência dos madrilenos, quando o seu grupo está em crise, mas a crítica gostou do seu trabalho.

A formação leonina voltou a contar com a defesa! Quem o diria. O par *velhote* (Cardoso e Marques) garantiu o triunfo, para o qual o ataque pouco contribuiu. E Azevedo, que gostaríamos de ver em Madrid, correspondeu absolutamente, impedindo a certa altura que os elvenses levassem a melhor.

Do Elvas pode dizer-se: — a equipa não é tão fraca como a sua classificação indica. Tem ainda muitos jogos à frente, e como não há adversários fáceis, repita-se, que se acatelem os grupos «inimigos»...

Alinharam:
Sporting — Azevedo, Cardoso, Marques, Canário, Lourenço Juvenal, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travaços e Albano.

Elvas — Calleja, Neves, Oliveira, Galinho, Rebelo, Gomes, Augusto, Massano, Patalino, Rafa e Vieira.

Arbitro — Arellano Fernandes, de Setúbal.

Jogo franco e vitória certa

Jogou-se pouco na Tapadinha e só a vitória dos donos da casa está certa. O Atlético venceu por 3-1, graças ao impulso ofensivo da primeira parte, que se concluiu com 3-0 a seu favor. No segundo tempo, o conjunto do Bessa não deixou de ser dominado mas o seu comportamento chegou para embaraçar remates do adversário — que nem de *penalty* marcou. A formação portuense perdeu igualmente uma grande penalidade. Caiado, normalmente tão certo, fez o pior possível, obrigando a bola a subir.

As duas equipas estiveram apostadas em jogar mal. O Atlético, entretanto, jogou em toada superior, às vezes dominando em toda a linha, mas sem chegar à bitola de muitos encontros que lhe temos visto. Quanto aos portuenses — Fernando Caiado revelou mais uma vez fortes qualidades de jogador, e Mota salientou-se igualmente na baliza.

Os grupos:
Atlético — Correia, Jacinto, Armindo, Almeida, Armando Car-

Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL				P.	
	J.	V.	E.	D. B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.		
Belenses....	17	7	1	—	34-6	6	1	2	19-12	13	2	2	53-18	28
Sporting.....	17	8	—	1	39-11	6	—	2	23-14	14	—	3	62-25	28
F. C. Porto.....	17	7	—	1	30-8	5	3	1	32-18	12	3	2	62-26	27
Estoril.....	17	7	—	1	32-9	6	—	3	26-17	13	—	4	58-26	26
Atlético.....	17	8	—	1	45-15	2	3	3	17-19	10	3	4	62-34	23
Elvas.....	17	5	2	—	33-20	1	—	7	17-27	6	2	9	50-47	14
Boavista.....	17	6	—	3	31-17	—	2	6	10-26	6	2	9	41-43	14
Olhanense....	17	5	1	3	23-18	1	1	6	8-26	6	2	9	31-44	14
Lusitano.....	17	4	3	2	24-16	—	2	6	12-32	4	5	8	36-48	13
Vitória (G.)...	17	5	2	1	12-11	—	1	8	6-41	5	3	9	18-52	13
Vitória (S.)...	17	5	1	3	16-17	—	1	7	7-27	5	2	10	28-44	12
Sp. Braga....	17	3	2	3	13-17	1	—	8	11-30	4	2	11	24-47	10
Académica....	17	3	2	3	17-17	—	1	8	13-29	3	3	11	30-46	9
	17	3	3	1	14-17-28	—	—	9	9-48	3	1	13	26-76	7

UM NUMERO ESPECIAL inteiramente dedicado ao Portugal-Espanha

Stadium publicará uma larga reportagem sobre o Portugal-Espanha, com dados, números, apontamentos, crítica, opiniões, entrevistas e um documentário fotográfico completo.

Todos os pedidos devem ser dirigidos à nossa Administração, Rua da Rosa 252 ou aos nossos Agentes até ao dia 20 de Março.

neiro, Gregório, Martinho, Rogério, Vital, Ben David, e Caminhas.
Boavista — Mota, António Caiado, Francisco Silva, Garcia, Serafim, José Caiado, Zeca, Luzia, Passos, Fernando Caiado e Barros.

Árbitro — José Trindade de Setúbal.

O Belenenses eliminou todas as dificuldades

Há campos que os mais fortes visitam com medo. Setúbal, com o seu terreno dos Arcos, está sem dúvida nesse número. Os melhores podem passar, não há dúvida, mas é sempre preciso toda a cautela.

Além disso, do factor «campos», o Vitória está precisado de pontos. A sua equipa, alinhando no pelotão da rectaguarda, tem nervos e alguma capacidade, como já demonstrou batendo o Porto e empatando com o Estoril Praia. Assim, o Belenenses apenas respirou fundo quando se viu a ganhar por 3-0.

O jogo, segundo parece, não correu em maré de rosas. Figueiredo foi expulso e deixou a sua equipa com 10 homens, pormenor de ter em conta. Sério, por sua vez, magoou-se fortemente. Por todos os motivos, o grupo de Belém ganhou um desafio precioso, desafio que recordará possivelmente no desfecho do torneio.

Contra todos os atriros mais ou menos esperados, os dois pontos da equipa azul tem um gosto es-

pecial. Só mais tarde se verá...

Os grupos:

Vitória (5) — Baptista, Ameixa, Montês, Figueiredo, Pina, Primo, Armando, Campos, Cardoso Pereira, Rendas e André.

Belenenses — Sério, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Serafim, Nunes, Quaresma, Teixeira da Silva, Duarte e Narciso.

Árbitro — Paulo de Oliveira, de Santarém.

Quem joga mais, no Algarve?

Realmente, os algarvios tem direito a pôr a interrogação: Lusitano ou Olhanense? Na primeira volta, em Olhão, os lusitanos impuseram o empate (1-1). Desta feita, os olhanenses pagaram na mesma moeda. E não se marcaram golos de um lado e do outro. O primeiro resultado de zero-zero. Todavia, as linhas da frente perderam fartas ocasiões de marcar, enquanto os blocos defensivos brilharam a grande altura!

Lusitano e Olhanense são adversários muito iguais. Provaram-no por mais de uma vez e esta época especialmente. Não podem rir-se um do outro...

Os grupos:

Lusitano — Isaurindo, David, Caldeira, Morgueira, Madeira, Branquinho, Almeida, João Vasques, Angelino, Luís Vasques e Félix.

Olhanense — Abraão, Eminência, Graziña, João Santos, Januário, Loulé, Moreira, Joaquim Paulo, Soares, Salvador e Carmo.

Árbitro — Luís Vilaça, de Lisboa.

A equipa do Leixões

ganhou em Coimbra por 5-0

Os resultados:

S. C. Covilhã. 3 — Famalicão... 1
U. Coimbra... 0 — Leixões... 5
Barreirense... 4 — G. D. Beja... 0
Portimonense. 1 — «Cuf» Barreiro 1

Com estes resultados, baralhou-se um pouco a classificação. Na zona norteña, o Sporting da Covilhã e o Famalicão encontram-se com o mesmo número de pontos (4). O Leixões e o União de Coimbra tem igualmente o mesmo número de pontos (2) mas ainda não estão afastados da vanguarda.

Nesta zona, um resultado surpreendente deixou todos os prognósticos «avariados»: o 5-0 a favor do Leixões, no próprio campo do União de Coimbra!

Realmente, o triunfo matosinhense não se esperava e ficará como uma das grandes surpresas do futebol. E na segunda divisão talvez não apareça outra deste quilate... Segundo as criticas, a equipa visitante aproveitou todas as oportunidades de marcar, — e durante 5 vezes assim aconteceu! Entretanto, a pressão do União de Coimbra perdeu-se contra a defesa bem organizada dos visitantes.

O Famalicão «perdeu-se» na Covilhã. Ficou com o mesmo número de pontos do adversário, que receberá no seu campo na segunda volta. Isto é importante.

Na zona Sul — uma equipa se impõe: a Cuf do Barreiro. Bos prova a dos cufistas da outra margem, que estão interessadíssimos, a ponto de levarem a Portimão cerca de 300 afeccionados!

Nesta zona, portanto, a «Cuf»

conta 5 pontos, seguido pelo Portimonense com 4 e Barreirense com 3. O Desportivo de Beja, único verdadeiramente afastado, não obteve ainda ponto algum. A vitória do Barreirense estava prevista, pois os benenses são nitidamente mais fracos.

Eis as equipas:

Sporting da Covilhã: Jélio; Craveiro e Franklin; Szabo, Costa e Fialho; Livramento, Roqui, Carlos Ferreira, Fonseca da Silva e José Pedro.

Famalicão: Sansão; Jélio Costa e Cerqueira; Ferrão, Armando e Adelinho; Ramiro, Pires, Álvaro Pereira, Raul e Sampaio.

União de Coimbra: Conceição; Carvalho e França; Bernardino, Velha e Sanina; Angelo, Rodrigues, Gomes, Ermítio e Noronha.

Leixões: Ferreira; Caserio e Nélito; Crista, Adão e Paulo; Delfim, Pedro, Costa Pereira, Pedro e Barbosa.

Barreirense: F. Silva; Pascoal e Carlos Silva; Reis, Gervásio e Ricardo Vale; Magro, Mário, Guerra, Jordão e Martins.

G. D. Beja: Mário; Carlos e Torres; Carvalho, Possinhas e Sioça; Godinho, Romão, Apolinário, Sardinha e Oscar.

Portimonense: Velinho; Pintado e Vicente; Pacheco, Vitória e Catinana; António Joaquim, Jesus, Gilberto, Miêlo e Paizão.

Cuf do Barreiro: Vertissimo Fernandes e Celestino; Baptista, Lino e Galinheiro; Graciano, Cavaco, Fernandes, José Luis e Marques.

FUTEBOL-JUNIORES

O SPORTING

já se pode considerar finalista

A vitória expressiva do Sporting sobre o Benfica, assegurou à aguerida equipa dos leões o direito a disputar a final, com o Oriental, e conseguir muito possivelmente o título de campeão.

O campo do Cascalheira registou no passado domingo a maior enchente de todos os tempos, mas grande parte do público limitou-se a ver a bola no ar e a ouvir as manifestações...

Antes das equipas entrarem no campo vaticinávamos luta muito igual e um resultado difícil para

os amadores dos prognósticos!

Porque conhecemos bem o valor de ambas, não tivemos dúvidas em nos inclinarmos para a vitória do Sporting. O Benfica apresentava-se desfalcado dos seus defesas titulares pelo que teve de recorrer a outros jogadores da sua equipa B, e que não tem o valor dos substituídos.

O primeiro golo foi feito por um jogador do Benfica na própria rede e isto deve ter abalado bastante a equipa. Com este brinde

(Continua na página 18)

A "graça" da semana



— O que preferes: — vêr ou ouvir o jogo com os espenhóis?...
— Antes quero ouvir. Ao menos — colhos que não vêem, coração que não sente... » os golos!



O
XX

ESPAÑHA-DORTUGAL *disputa-se no Domingo em MADRID*

Espanhóis e portugueses jogam pela 20.^a vez em futebol. Desta vez no campo da Castellana, em Madrid. Como sempre, este jogo internacional apaixona os desportistas dos dois países. O que irá suceder? Por agora — apenas a esperança de um bom resultado. Nesta página gráfica damos alguns pormenores dos últimos treinos de preparação. Ao alto — Scoppell dá instruções aos avançados Araujo, Jesus Correia, Travaços, Vasques e Julio. A seguir, uma sessão de ginástica, um treino de voleibol e a prova de que todos se dão bem, brincando como camaradas



— Episódios curiosos da minha carreira desportiva? Ela é tão recente, tão breve... A não ser, talvez...

Pausadamente, Paulo Cardoso conta:

— Uma tarde, no campo do Sporting, depois de um treino de futebol de juniores, de cuja equipa fazia parte, enquanto os meus companheiros se dirigiam para o balneário, encontrei-me para o local onde se encontrava o material de atletismo, peguei num dardo e principiei a ensaiar lançamentos. Alguns dos directores que tinham assistido ao treino, seguiram com interesse os ensaios e, no final, pediram-me que passasse

preparatórios médios em Coimbra.

«Como sabe, em Coimbra, não se pratica atletismo há muito. Embora os dirigentes do Sporting me tivessem pedido para continuar a treinar, tive dificuldade em o conseguir. Todavia, por virtude da aproximação da festa da «Queima das Fitas» do ano passado, cujo programa da tradicional «Tarde Desportiva», englobava um torneio da especialidade, vários rapazes, entre os quais eu, começaram a preparar-se sob a orientação do engenheiro Vasconcelos, antigo atleta lisboeta que se encontra há anos em Coimbra. Nos treinos, porém, as minhas marcas não

SINGULARIDADES DO DESPORTO

UM TREINO DE FUTEBOL

revelou um campeão de dardo, Paulo Cardoso

também a tomar parte nas sessões preparatórias das equipas de atletismo. Como gostava muito da modalidade, aceitei o convite.

— Já tinha praticado o atletismo?

— Sim, vagamente, na minha terra, em Lourenço Marques. Mas deixei a capital de Lourenço Marques para vir estudar para a metrópole, justamente no momento que começava a despertar em mim o entusiasmo pelo desporto.

«A paixão pelo futebol dominava os meus condiscípulos do Colégio Académico, do qual fui aluno interno no 6.º e 7.º ano do liceu. E eles levaram-me para o Sporting para eu jogar o futebol. Quando alguns souberam que eu havia deixado o futebol para me dedicar ao dardo, ficaram desoladíssimos».

Mas não tem menos interesse a revelação de outro episódio, nascido igualmente de uma pergunta nossa:

— Emocionou-o o seu recorde nacional de juniores alcançado no Porto?

— Emocionou-me e surpreendeu-me.

«Deixara Lisboa para frequentar

iam além de uns modestíssimos 38 metros e quando eu próprio disse ao engenheiro Vasconcelos que não me julgava em condições de ir a Lisboa representar o Sporting nos campeonatos regionais de juniores, ele mesmo concordou. No entanto o Sporting insistiu comigo. Os «leões» contavam como certos para o seu triunfo final com os pontos que eu não tinha a certeza de conquistar. Mas ao mesmo tempo, eu precisava de me deslocar a Lisboa. Acontecia, porém, esta coisa natural a um estudante: não ter dinheiro. Puz então a mim próprio este dilema: «Se o Sporting voltar a insistir, aceito». Os «leões» insistiram e parti, se não com uma grande convicção, pelo menos disposto a cumprir o melhor que pudesse. Por tudo, era um dever.

«No domingo seguinte, ante as felicitações dos dirigentes da secção e enorme espanto meu, lancei o dardo a 46 e 76. Oito dias volvidos, na capital do Norte, nos nacionais de juniores, obtinha a minha maior marca, que me deu os títulos de «recordman» e campeão nacional da categoria: 51,48».



Paulo Cardoso com o seu «meillot» de internacional no 1.º Portugal-Bélgica em atletismo

* * *

Paulo Cardoso continua a estudar em Coimbra, onde é agora defensor da equipa de basquetebol da Associação Académica e um dos melhores jogadores no seu lugar, como o demonstrou a sua recente actuação na Selecção do Centro contra a do Sul.

Já na capital havia revelado excepcional aptidão para o basquete, nos grupos do Lisboa Ginástico.

Paulo Cardoso gosta, sobretudo, de atletismo. Depois, do basquete, são modalidades que se completam — diz-nos.

A prática do futebol não o interessa, se bem que seja adepto do jogo.

Coimbra tem condições especiais para ser um centro atlético de primeira grandeza. É certo que até aqui lhe tem faltado campos próprios. Mas logo que o Estádio Municipal esteja pronto, o caso muda de figura. Será necessário então os clubes darem-se a pensar atentamente no atletismo, estimulando, impondo mesmo a sua prática. À Associação Acadé-

mica caberá o mais forte e decisivo dos impulsos.

É frisante, no que respeita ao valor e à importância da contribuição do clube escolar para o desenvolvimento do desporto coimbrão, o exemplo do basquete.

Com o seu entusiasmo e as inovações táticas trazidas este ano para o campeonato regional pela Académica, a prova revestiu-se de uma animação nova.

Imprimiu-se uma orientação nova à secção: o basquete académico não tem presentemente uma direcção fixa e permanente. De quinze em quinze dias, tomam conta dos seus destinos um jogador experiente, auxiliado por dois jogadores mais novos. Fazem-se reuniões semanais, durante as quais se comentam os jogos e se discutem e estabelecem planos técnicos e táticos.

Os resultados de tal orientação estão à vista. A Académica possui, efectivamente, uma excelente equipa de basquetebol, uma equipa que ficará admiravelmente no Nacional da Divisão de Honra que vai principiar.

Adriano Peixoto



O Grupo Universitário de Basquetebol da Coimbra. Paulo Cardoso é o segundo do primeiro plano, a contar da esquerda

ALBUM DOS JOGADORES

Em separata publicamos hoje
PATALINO e ROGÉRIO CONTREIRAS

FRANCISCO BASTOS

que este ano reaparece diz-nos o que pensa do atletismo e do Sporting

A VIZINHA-SE a época do atletismo em pista, que deverá fornecer jornadas de interesse, conquanto não haja possibilidades de um necessário e precioso contacto internacional, a não ser algum encontro com os vizinhos espanhóis se bem que no ar andem uns zanzanos de uma representação nos Jogos Olímpicos. Mas isso parece difícil. No entanto... como de costume, Lisboa, na próxima época, terá o Sporting e o Benfica, ainda um Belenenses e cremos que nada mais. Mas embora o número de clubs seja diminuto, o mesmo não sucederá com o número de atletas, havendo muita gente nova e com habilidade.

As vistas, porém, têm de ser lançadas sobre os mais antigos, os consagrados, pelo menos agora, antes do início da época, tanto mais que não têm descurado a sua preparação, o que é bom indício. Por isso procurámos trocar impressões com alguns deles, numa conversa despreocupada, sem rigores de entrevista, como esta com Francisco Bastos, sabido tranquilamente a Rua do Ouro e numa volta pelo Rossio.

O magnífico atleta sportinguista que foi forçado a um ano de inatividade a que o obrigou uma melindrosa distensão muscular, está de novo em condições de condigna presença na pista. Assim nos convencem, sabendo nós que tem continuado a ser o atleta cuidadoso e ponderado, treinando e preparando-se fisicamente para a nova época.

Francisco Bastos, sensato e detestando falar antes do tempo, diz-nos:

— Que lhe direi de mim? Que continuo a ser aquele entusiasta dedicado com imenso prazer ao atletismo. Que é inegável que regresso com satisfação às provas, curado o mal que me fez parar mas que Manuel Marques, vitorioso como sempre destas lutas com os nossos máscalos, me

repõe com confiança nas provas atléticas.

«Tenho treinado, desde então, a sério, com aquela intensidade recomendada ao atleta que, se não pretende maravilhar, dará conta das suas melhores possibilidades.»

— Temos homens — é o caso.

— Este homem que por cá anda há 10 anos, que recebeu de António Calado as primeiras no-

ções que serviram mais tarde para lhe arrebatat o título.

A conversa prosseguiu, os dois em passo lento, por entre a multidão que inunda a Baixa ao fim do dia.

Francisco Bastos, travando-nos um pouco o andamento, declarou-nos:

— Não quero, nem posso, e nem isso está na minha maneira de ser e pensar, dizer-lhe que irei fazer isto e aquilo. Neste momento, é tudo prematuro. Depois na pista, em prova, é que nos reconhecemos, avaliando-nos e conhecendo o que valem os nossos adversários. No entanto sinto-me capaz, até mesmo me parece que me encontro melhor que em muitas épocas.

E com um sorriso:

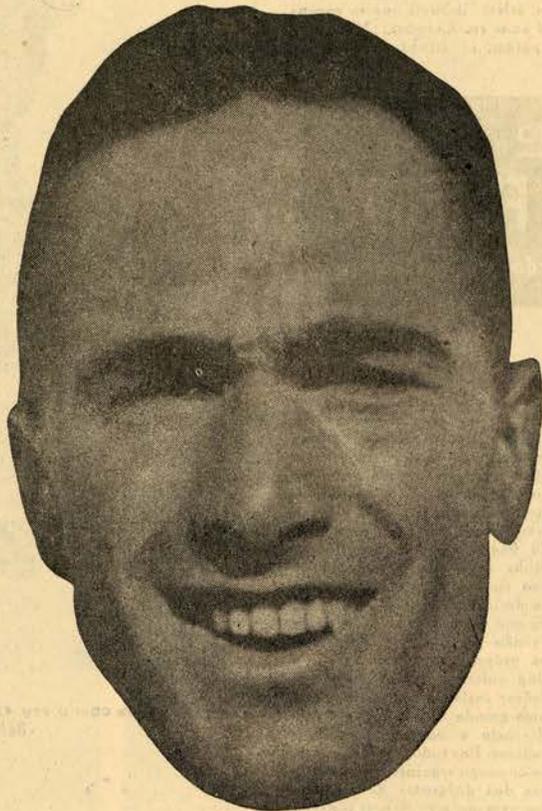
— Já pensei até se isto será o canto do cisne...

— E que opinião colhe na es taleta Cascais-Lisboa?

— Foi a minha experiência. Foi-me interrogar, ali, em competição.

— E que respondeu?

— No final da minha prova, cá muito comigo, tive esta exclamação: — Isto não está mau de todo! Um bocadinho periclitante de princípio, mas satisfaz-me o que observei.



— Qual vai ser a sua prova esta época?

— Eu compreendo que para mim a prova que estava indicada seria os 1.500 metros. Seria talvez aí onde eu arrancasse ainda melhores tempos! Mas não consigo gostar desta corrida. Aquilo de andar para ali às voltas ao campo numa corrida que parece não mais acabar, não me entusiasma. Quando chego ao meio da prova, já não tenho paciência.

«Portanto a minha prova são os 800 metros. E' a corrida de que mais gosto! E' para ela que vão todos os meus cuidados de atleta!»

— Como surgirá esta época o Sporting?

— Julgo que muito bem. Temos muita gente e com jeito. Montiz Pereira tem-nos trabalhado com afinco e tudo me faz prever que o Sporting conquistará todos os campeonatos.

«E é agradável registar o interesse com que se está treinando. Até com este pormenor interessante e que diz alguma coisa. Não era hábito o treino de inverno. Só quando a hora madava, os atletas começavam a aparecer pelo campo... Pois não tem sucedido assim, valorizando-se este aspecto com a frequência certa às classes de ginástica.»

«Tem-se visto um João Vieira persistente, um Álvaro Dias cuidadoso, um Canhão, preocupado. Bom sintoma.»

— Os Jogos Olímpicos?...

Francisco Bastos não responde logo.

— Sinceramente julgo que não iremos aos Jogos Olímpicos. Temos marcas que estão em sétimo e oitavo lugares nos campeonatos da Europa. A não ser que...

— Diga... Bastos.

—... aparecesse alguma novidade nas nossas pistas, com uma marca que fosse segura de representação condigna em Londres, ou se Matos Fernandes conseguisse melhorar o seu tempo.

— Como julga que decorre a próxima época?

— Somos poucos. Nós, o Benfica, depois o Belenenses que este ano, parece, nos dará melhor colaboração. Depois, quem mais?

— Nos Nacionais mete-se no meio o Sampaio Peixoto e o Tamegão, mas o círculo fecha-se. No entanto, onde me parece que a época se vai animar é nas provas da gente nova que este ano aparece.

«Mas, de uma maneira geral, a época não deve ser das plenas, em interesse e entusiasmo.»

Estávamos em pleno Rossio terminando esta ligeira troca de impressões com este rapaz de 28 anos, que há dez faz atletismo e que continua tão dedicado ao seu desporto favorito como nos primeiros tempos em que se iniciou, ele, que é, de facto, um belo exemplo de desportista que compreende o desporto como elemento maravilhoso da vida, praticado sob as necessárias regras de uma vida tranquila, sã e cuidadosa, para que tudo depois saia bem, nos resultados técnicos da modalidade e no benefício pessoal que o desporto oferece, quando compreendido e praticado como Francisco Bastos procede e usa.

Fernando Sá

Espanha-Portugal

Se fôr a Madrid, visite o restaurante **VALÊNCIA**, na Avenida José António, 44 (Gran-Via) — frente ao Callau, onde encontrará ambiente acolhedor e óptima cozinha com a especialidade «la paella-valenciana»

FELIX do S.L. Benfica

SE alinhar no próximo Domingo em Chamartín, contra a Seleção Espanhola, Felix será mais um nome a acrescentar à longa lista dos "internacionais" oriundos do Barreiro. Confirmar-se-á portanto, e uma vez mais, o estado lugar comum de que a vila mais industrial da margem esquerda do Tejo é um excelente viveiro de jogadores. E todos de "boa marca", vamos.

Sereno, consciente, duma calma impressionante, Felix da Assunção Antunes — é este o nome completo do nosso biografado de hoje — subiu a escadaria que conduz aos píncaros da popularidade, que em futebol representa a fama, com as mesmas características com que atingiu o direito ao reconhecimento "oficial" das suas qualidades: sem barulho, sem pressas, sem atropelos e, sobretudo, sem "muletas" de quem quer que impusesse o seu nome à recomendação.

Tal como desarma o adversário — quando no centro do terreno —, com uma «suavidade» que parece nascida do desejo de não querer «incomodar», assim o Felix adquiriu o incontestável direito à chamada ao «onze» das cinco quinças. Poderá não alinhar em Madrid. É possível que não alinhe, mesmo. Tal facto, porém, não invalida a confiança que os seus inúmeros admiradores depositam em si. É que eles sabem que se o Felix fixasse os noventa minutos da partida que se aguarda com invulgar interesse, se portaria com a mesma vontade de triunfar com que se conduz na turma dos «encarnados», a que pertence.

★

Aproveitámos a partida de Domingo, em Coimbra, para ouvirmos o Felix.

Sentados frente-a-frente, no rápido que vertiginosamente nos leva através as lezírias ribatejanas às várzeas coimbrãs, conversámos a cento e til à hora.

— Há quanto tempo joga futebol?

A pergunta parece tê-lo embaraçado. Concentrou-se durante momentos, para nos dizer:

— Talvez pareça estranho, mas creia que não me recordo bem... sei que foi num clube que nesse tempo não estava oficializado. Hoje está. É o Grupo Desportivo Operário, do Barreiro. De lá passei para a Cuf, do Barreiro, também onde alinhei nos juniores.

E, com um sorriso, Felix completou:

— Podemos, talvez, dizer que me iniciei, portanto, na Cuf barreirense.

— Veio de lá para o Benfica?

— Não. Antes de me resolver a vestir a camisola que hoje defendo como se no Benfica tivesse começado a minha carreira, joguei na Cuf de Lisboa.

— Em que lugares?

— Até à época de 1942/43 fui defesa. Depois, e até ingressar no Benfica, joguei a médio de ataque. Foi na minha actual equipa que voltei ao posto primitivo: defesa. Foi aqui me iniciei a defesa central.

— Para qual das formações vai a sua preferência? Defesa ou média?

— Para nenhuma delas. Tanto gosto de uma como de outra. E se quer que lhe diga, com mais franqueza, o posto a que mais gostaria de jogar é precisamente um em que nunca alinhei.

— ?

— À interior esquerdo. Gostava de meter golos...

Não podemos — depois da surpresa que a revelação nos causou — deixar de pensar que se o Felix viesse a jogar no posto que preferiu com o mesmo à vontade com que naquele em que alinha, talvez o Benfica encontrasse a chave dum dos problemas que mais devem preocupar o seu técnico.

Adiante, porém. A nossa missão é, apenas, ouvir.

— Qual é o adversário que mais lhe custa «guardar»?

— O avançado centro baixo. É a preferência porque gosto mais de «correr» o jogo alto, embora me satisfaça fornecê-lo à frente, rente ao solo. Para isso me sirvo daquilo que felizmente possuo, e acho que deve ser característica de jogador que se decida pelo lugar que desempenha: facilidade de chutar com os dois pés. Isso, e a confiança das minhas possibilidades, são as armas de que disponho e me levam a jogar sempre com calma.

— À que atribue o Felix a sua boa forma actual?

— À possibilidade de dispor de tempo para seguir uma preparação física eficiente e cuidada — como a que o meu clube dá aos seus jogadores — e à vontade que tenho de assimilar o que meu treinador procura, com elevada competência, ensinar-me.

O tempo de que Felix afirmou dispor, leva-nos à pergunta de mais actualidade:

— Que pensa do profissionalismo?

— Concordarei com a sua implantação entre nós, se dela resultar alguma coisa de útil — como aliás suponho — para o nosso futebol. Acho que o jogador que possa dedicar-se ao trabalho de preparação, sem preocupações de tempo perdido e riscos de emprego, servirá melhor o seu clube. Gostaria, entretanto, se isso viesse a ser um facto em Portugal, que paralelamente à defesa do futebol, se cuidasse, também da defesa do futuro do jogador.

Recolhida esta opinião vamos voltar ao rumo primitivo.

— Gosta de alinhar no Benfica?

— Bastante. Satisfaz-me imenso a camaradagem que existe entre todos os componentes da equipa, afirmação que não faço para conquistar simpatias, mas porque é um dever assinalar. Creio mesmo que não será vulgar um espírito de solidariedade tão profundo como o que se respira no Benfica. E até nas camadas dirigentes esse facto se verifica. Nem um só dos directores que tenho conhecido no meu clube deixa de ter direito à minha gratidão. Há um, até, quero citar mais especialmente, sem desprimor para quem quer que seja, Refiro-me ao sr. Joaquim Bogalho, a cuja personalidade rendo homenagem, tanto mais sincera quanto é certo que actualmente se encontra afastado da actividade clubista.

— Confiar na conquista do Campeonato Nacional?

— Se o Espírito Santo puder dar o seu concurso permanente à equipa, nos jogos que nos falta disputar, tenho a certeza de que o venceremos.

— Qual o avançado centro que mais gosta de ver actuar?

— Julinho. Está a jogar muitíssimo bem e com esta característica que o torna difícil de «anular»: cobre magnificamente a bola com o corpo. Como defesa central, acho que não é grata a missão daquele que o apinhar pela frente.

— Qual o jogador, no seu lugar, que mais o tem impressionado?

— Franklín, o médio centro da selecção inglesa que na época finda defrontou a nossa. É um jogador extraordinário.

— A propósito de ingleses. Que nos diz do jogo com os Rangers?

— Que não devíamos ter perdido.

Não lhes achei a capacidade de jogo que esperava e que o resultado deixa prever. Um empate é que estaria certo.

— E do jogo de Domingo, em Madrid. Que nos diz?

— Que vai ser um pouco difícil. Os espanhóis não podem esquecer os 4-1. É uma «espinha» que não vai para baixo com facilidade... Se eu jogar, posso afirmar-lhe que farei tudo para cumprir bem a minha missão. Não quero fazer prognósticos, mas confio num bom resultado, sobretudo se o Moreira e o Xico jogarem como no Vale do Jamôr, no dia dos tais quatro a um. Qualquer deles tem condições para «levar» a linha da frente ao triunfo, sobretudo o Moreira, um futebolista que joga com os pés e com a «cabeça». Nenhum outro médio em Portugal sabe fornecer jogo à frente como ele o faz. Os seus passes levam assinalatura.

Com a aproximação do termo da viagem chega. Também, o final da entrevista.

— Como recebeu a «ordem» de chamada à Seleção?

— Com o natural regostio do jogador que vai, pela primeira vez prestar, provas. Gostaria imenso, não calculo mesmo quanto, de alinhar no domingo. Ser «internacional» e receber o baptismo precisamente contra a Espanha, era a maior honra que poderia ambicionar. Os seleccionadores é que hão-de dizer a última palavra. E eu aguardo-a com ansiedade.

Já preparados para o desmarque, recolhemos um pedido de Felix, a que gostosamente damos satisfação.

— Quero aproveitar esta entrevista, que é a primeira da minha carreira, para expressar publicamente que devo muito do que sou a dois homens que bastante me ajudaram no princípio dela: João Duro e Artur Pesseguero, antigos treinadores do G. D. Operário, do Barreiro e o «velho» internacional Raul Jorgé, que me treinao quando joguei nos juniores da CUF do Barreiro.

Rosa de Matos

NA SUA PRIMEIRA ENTREVISTA

**garante-nos que procurará
merecer a internacionalização—se esta lhe fôr dada**

O novo andebol

A aplicação, em Portugal, das novas regras internacionais de andebol tem sido comentada com o interesse que merece e, na opinião geral, o jogo muda totalmente nas suas características, como terão de mudar também por completo as concepções tácticas dos jogadores, na elaboração das jogadas e na colocação no terreno.

Surgiu um novo andebol, não há dúvida; a regulamentação típica deste jogo foi substituída por uma outra que o aproxima das normas orientadoras do futebol. Desaparecendo a linha da área de deslocação, esta passa a ser julgada pela posição relativa do atacante e dos extremo-defensores.

A inovação, porém, que maiores dúvidas e mais crítica suscitou foi a da aplicação do castigo de 13 metros, que a Comissão Central de Arbitros portuguesa interpretou de maneira diferente, mas fatalmente, do que a lei internacional.

Discordaram alguns críticos e léxicos da redacção escolhida, alegando que a frase «ocasião flagrante de goal» se presta a interpretações várias, dependendo do critério da pessoa que dirige o encontro.

Câmaras de ar infuráveis

UM fabricante italiano de tubos para bicicletas, apresentou no salão de Bruxelas, um dispositivo nas câmaras de ar por ele preparadas, destinado a revolucionar o ciclismo desportivo. Trata-se, nada mais, nada menos, do tubo imperfurável, graças ao qual os corredores ficam ao abrigo do mais vulgar dos perigos em estrada, daquele que tantas corridas tem feito perder aos favoritos: o juro.

A invenção, em resumo, apresenta-se como a história do ovo do Colombo; trata-se apenas de um duplo tubo, envolvido e envolvente, cada um com sua válvula independente. Enche-se em primeiro lugar a câmara interna, até pressão conveniente; depois a exterior, dando-lhe no final pressão habitual.

Quando, na estrada, um prego arreliante provoca a perfuração da câmara exterior, o ciclista continuará a rolar sobre a câmara interior, protegida ainda pelo envoltório externo.

A revolução deste invento provocou o aparecimento de diversos reclamantes que chamavam a si a prioridade na descoberta; em França, dois indivíduos cujos nomes não importam, informaram pela imprensa haberem já

Este inconveniente nunca se pode evitar, seja qual for o sistema adoptado; se houvesse sido adoptado o preceito da lei internacional, o árbitro teria que decidir sobre o que fosse jogo violento ou perigoso. Com muito maior latitude de acção ficariam-lhe nas mãos o poder para decidir com os seus castigos a sorte de qualquer encontro, independentemente do que resultasse das peripécias de jogo.

Embora tenhamos que chegar à adopção pura e simples do texto completo das regras internacionais, parece-nos acertada a determinação transitória escolhida pela Comissão Central, cuja base doutrinária assenta no princípio de que uma grande penalidade compensa qualquer oportunidade de obtenção de um ponto, perdido por culpa de intervenção irregular do defensor.

Para as jogadas perigosas ou violentas, tem o árbitro outras punições ao seu dispor, ligeiras ou severas, desde a simples marcação de um lance livre à expulsão do terreno, com a solução intermédia da saída do campo por tempo determinado, tal como sucede no óquei palinado, e que as novas regras do andebol admitem também.

em 1925 posto em circulação um invento similar, duplo tubo, mas com uma única válvula, obrigando o ciclista a descer da máquina para encher de ar a segunda câmara quando a primeira se esvasiasse.

A vantagem do sistema actual é, portanto, manifesta, pois o corredor poderá continuar rolando, em caso de juro, durante alguns quilómetros, sem necessidade de interromper a sua acção, o que pode ser decisivo no troço final de uma competição.

Ao contrário do que poderia supor-se, estes novos tubos duplos italianos não excedem muito o peso normal dos actuais, acusando na balança 350 gramas.

A invenção foi acolhida com confiança e agrado nos meios ciclistas estrangeiros, mas os organizadores das grandes provas parecem na disposição de proibir a sua utilização em quanto não for possível assegurar a todos os participantes a possibilidade do seu emprego.

No entanto, mais providente, a Liga Belga de Ciclismo encaminhou já 3.000 tubos do novo modelo para serem distribuídos pelos seus representantes nas provas internacionais.

S. C.

Repete-se no domingo

com novas regras

o encontro PORTO-LISBOA

A jornada de domingo passado, no campeonato de Lisboa, tinha como motivo de interesse particular a estreia da aplicação das novas regras de jogo.

Talvez pelo receio do exame a que tinham de submeter-se, os árbitros faltaram na sua maioria; mau sintoma, sintoma de carência deplorável agora que a nova lei de deslocação investe de grande responsabilidade a função de juiz de linha e tornaria conveniente a criação de equipas de arbitragem.

Os resultados da programa correspondem ao que se presumia e os jogadores parece haverem-se adaptado com facilidade à maior liberdade de acção que lhes é concedida, no entanto, como era natural, vimos quem procurasse ainda a linha abolida e ouvimos quem mandasse sair da área o companheiro mais adiantado.

Assistimos ao encontro «Os Treze»-Oriental, ganho pelo primeiro por 12-3; luta inicial equilibrada e progressiva superioridade trezista, para a qual contribuiu a má exibição do guardaredes do Oriental, que parecia apostado em colocar-se fora do alcance das bolas.

O jogo, tecnicamente valeu pouco. «Os Treze», com muito superior poder atlético, usou e abusou da liberdade de critério do árbitro para se servir — além das regras — desse factor; o Oriental, com uma equipa habilidosa, é demasiado frágil na dianteira, onde só o avançado-centro tem eficácia de remate, os restantes mais prejudicando-se por excessiva codícia de bola.

O sr. Feist, que dirigiu o encontro foi um mau orientador da partida; não duvidamos da sua competência teórica, mas temos também a certeza de que não sabe pô-la em prática. Demasiado tolerante com a dureza de jogo, gera nos encontros que dirige um ambiente efervescente, sempre próximo da ebulição. Ele, que pugnou pela aplicação imediata e total da nova lei do castigo de treze metros, desconhece, quando em acção, a existência desta penalidade. Só arrancando os olhos ou deitando uma bomba atómica.

Serviram estes jogos de domingo de último galope aos seleccionados para o segundo Porto-Lisboa da época, a disputar no próximo domingo, na nossa cidade.

O Sporting isento, deixou os seus homens inactivos; o Bele-nenses teve jornada fácil em Almada, onde ganhou por 7-4, apesar de incompleto; finalmente, dos «trezistas» recem-chamados pelo seleccionador, apenas Parada teve exibição meritória, que justifica a sua inclusão como interior na equipa representativa. Matos Moura, demasiado gordo, não tem velocidade para desempenhar o lugar de externo e Mendes, com apreciável remate, não possui do-

mínio de bola nem talento de desmarcação que o façam aceitável para lugar de tamanha responsabilidade.

Logo após o encontro inter-regiões, o seleccionador nacional indicará os nomes dos prováveis componentes do grupo português que há-de ir em fins de Maio a França jogar nos quartos de final do Campeonato do Mundo, visto a Espanha ter desistido de nos visitar para jogo de apuramento.

Os elementos seleccionados começarão imediatamente uma preparação intensiva, sendo-lhes ministrada ginástica especial pelo prof. Moniz Pereira, que aceitou o convite para tal fim formulado. A Direcção Geral dos Desportos concedeu à Federação um subsídio para tais fins.

José de Eça

Ecos...

Embarcou para França o conhecido «ás do pedal» José Martins. Levou-o à abalada para o país onde iniciou a sua carreira de velocipedista o desejo de representar uma marca francesa, de bicicletas. E' ao Benfica, porém, que cumpre dizer a «última palavra» sobre os designios do seu antigo corredor, uma vez que não lhe será passada licença se não estiver «desobrigado». E por enquanto não o está!...

Ilá quem afirma que um abastado proprietário e comerciante de Chelas estará disposto a erguer no seu bairro um clube que recorde aquele que se fundiu, numa «operação» que não tem dado — diz-se — os esperados efeitos.

O jornal modrileno «Marca» vai repetir a prova ciclista que tem o seu nome. Dá-se como certa a participação do Benfica na mesma, para o que já foi feito o respectivo convite.

Já está assente a data da realização do encontro Arsenal-Benfica. Será no dia 3 de Maio que os «furiosos» da bola poderão satisfazer o seu anseio de admirarem a famosa equipa londrina.

Não tem fundamento o telegrama publicado há dias num colega nosso, que referia a visita do clube dos «encarnados» ao Rio de Janeiro, para defrontar o Vasco da Gama. A deslocação será efectuada, como dissemos, por um misto B. B. ou B. S. B. Foi o que apurámos, pelo menos.

Guilherme Patroni

percorreu os 100 metros-livres em 1 m. 0,56 s.

Terminaram no último domingo as provas de preparação organizadas pelo Sport Algés e Dafundo com vista aos torneios da Páscoa e da Primavera, este de boas tradições e que se desenrolará, possivelmente, já na piscina de verão.

O primeiro clube da natação portuguesa continua, assim, sózinho, isolado, a dar um belo exemplo de tenacidade, fiel ao seu programa de sempre, numa ansia de progresso que já mais cessa, visando sempre a expansão da modalidade e cuidando da preparação das suas figuras mais representativas.

A sessão de domingo passado — última desta série — foi a que, talvez, melhor conjunto de resultados forneceu. E de entre eles sobressaem os de Guilherme Patroni e de João Franco do Vale.

Os 66 metros-livres meninas, com duas concorrentes apenas, proporcionaram triunfo fácil a Regina Diniz Mendes (1 m. 02,2 s.), em «formas» agradável presente. Maria Luísa Araújo não foi além de 1 m. 12 s.

A mesma Maria Luísa Araújo venceu bem a prova da sua especialidade — 66 metros-bruços — em apertadíssima luta com Otilia Raposo. Corrida emotiva de seguir. Marcas respectivas: 1 m. 09,2 s. e 1 m. 09,3 s.

Os 66 metros-costas apresentaram as mesmas características da prova de «bruços», ou seja, desnível acentuado entre as duas concorrentes. Nova vitória de Regina Diniz Mendes, agora em 1 m. 06 s.

Três especialistas de «crawl» de costas, aliás, todos «internacionais» valorizaram, com a sua presença, a respectiva prova de 100 metros. João Franco do Vale marcou a sua esperada supremacia e exibiu, mais uma vez, o seu

«estilo» fácil e agradável, cobrindo o percurso no «tempo» muito apreciável de 1 m. 16,2. João Pereira Bastos conseguiu um bom resultado para as suas possibilidades actuais — 1 m. 19,8 s. — e o esperançoso Eduardo Murta Barbeiro não lhe ficou longe: 1 m. 20 s.

Sete concorrentes disputaram os 100 metros-bruços, o «estilo» que continua a não merecer o favor dos nossos nadadores. Os «tempos» foram fracos, inclusive o do próprio vencedor, Adriano Cabral Rodrigues, 1 m. 30,4 s. Merecem relevo as provas dos mais novos, de entre os quais sobressai Vasco Dias Pereira, com uma destacada vitória na sua série, em 1 m. 41 s.

Como é natural, foi a prova de 100 metros-livres a que reuniu maior número de participantes — quinze. Não diremos que Guilherme José Patroni se tenha empregado a fundo, que tenha produzido o seu máximo, mas é negável que correu com entusiasmo e que fez um belo percurso, alcançando marcas, por demais expressiva: 1 m. 05,6 s. A Patroni pertenceu, portanto, o melhor resultado individual alcançado no conjunto das provas de preparação.

Roquete Ricciardi, dotado de excelentes condições físicas, creditou-se de 1 m. 11,3 s., e o habilidoso Fernando Esteves Madeira, também com um bom percurso, obteve 1 m. 14,1 s., demonstrando, mais uma vez, excelentes condições.

E agora, até domingo de Páscoa, em que se iniciará uma série de provas, prólogo de uma temporada que se antevê animada e carregada de responsabilidades, mas para a qual não se têm tomado as mais elementares precauções.

Abreu Torres

BASQUETE BOL

O Campeonato Nacional começa a disputar-se na primeira semana de Abril

No dia 26 devem disputar-se os últimos jogos do campeonato de Lisboa e a Federação está evidenciando todos os esforços para que, logo na semana seguinte, se inicie o torneio nacional que, como se sabe, reúne as seis melhores equipas do país: os três primeiros classificados do campeonato de Lisboa, os dois primeiros do Porto e o vencedor da prova regional de Coimbra.

Neste momento, já se conceberam os apurados do Porto e o de Coimbra — Vasco da Gama e Fluvial e Olivais — tudo indicando que os representantes de Lisboa serão os mesmos da última época: Benfica, Atlético e Belenenses.

O regulamento do Campeonato Nacional, embora contendo algumas deficiências, há muito reconhecida e de fácil resolução, deve manter-se, para evitar mais demora, nesta altura, claramente, prejudiciais. Assim, não pôde tomar-se em consideração o pedido de Coimbra para que na prova tivessem lugar dois representantes seus e a sugestão do Porto, para que fosse revista a parte financeira de competição. No entanto, a Federação vai proceder a um estudo profundo da regulamentação em vigor, de forma a apresentar, no próximo congresso ordinário, um novo projecto que, a ser aprovado, entrará em vigor, em 1949. O Nacional da II Divisão é que deve assentar, já este ano, em novos moldes, esperando-se, ainda, a realização, a título experimental, os campeonatos da III Divisão.

Como dissemos, no último concurso, a aglomeração de provas, neste final de época, pode causar embaraços aos organizadores dirigentes, pelo que se deve tratar, imediatamente, de assegurar o adiamento do defeso, de forma a que a modalidade não seja prejudicada.

Sabemos, todavia, que o assunto não tem sido descurado.

Nos jogos disputados na última semana, a contar para o campeonato de Lisboa, o Atlético, vencedor quasi certo da prova em concurso, ganhou, merecidamente, ao Lisboa Ginásio, por 49-28; o Sporting derrotou o Algés, por boa margem (40-26); o Carnide, depois de uma excelente partida, foi vencido pelo Benfica (30-32); e o Belenenses não teve dificuldade em derrotar o Algés, por um resultado que não traduz a sua superioridade (32-27).

No conjunto destas jornadas efectuadas, dois jogos mereceram citação especial: o Lisgás-Sporting, que proporcionaram uma magnífica vitória aos donos do antigo campo do Boavista, e o Benfica-Belenenses, pela excelente actuação da equipa «encarnada», nos primeiros vinte minutos de encontro.

Quanto ao desafio Lisgás-Sporting, mais uma vez se prova a boa forma actual do «team» vencedor,

onde Cabral — um dos melhores defesas portugueses — teve acção brilhantíssima e decisiva para o comportamento da equipa. O Lisgás triunfou, por 50-35.

O Benfica-Belenenses, como acentuamos, valeu pela exibição dos campeões de Portugal — a recordar feitos passados...

Ao intervalo, o Benfica ganhava, por 25-10, o que reflecte bem a sua superioridade. No segundo tempo, o Belenenses reagiu bem e conseguiu deminuir a vantagem do adversário. Resultado final: 42-29.

Monteiro Poças

A PELOTA vasca na Havana

Havana, 16 — Os «cameraman» da revista norte-americana foram enviados aqui para uma reportagem gráfica do jogo da pelota vasca, que na Havana se cultiva com tanto entusiasmo como no norte de Espanha e país vasco francês. Entre os jogadores cubanos de pelota, distingue-se Laintana, considerado dos melhores da actualidade, além doutros também erexcos como Vallejo, Pito, Selazar, Gabriel, Andrés e Garcin. São também leworitos do público, que não distingue nacionalidades neste vibrante jogo, os vascos Piston, Marqueza, o primeiro conhecido pelo «Artífice», pela sua arte de fazer bom jogo, e o segundo pelo «Saper», sendo curioso notar que apenas os espanhóis mantêm a tradição destes nomes, pois os cubanos são conhecidos pelos seus próprios.

Os jornais cubanos dedicam ao jogo da pelota largas colunas assinadas pelos seus mais categorizados redactores, como Eladio Secades, que no «Diário de la Marina» escreve magníficas crónicas que são lidas com avidés. E é a pelota vasca um dos melhores atractivos de turismo e de interesse para os norte-americanos, que por dezenas de milhares fazem a viagem expressamente para ver jogar.

Os programas editam-se em espanhol e em inglês, e existem intérpretes para explicar o jogo e para orientarem os turistas nos apostes que atingem quantias elevadas e movem fortunas fabulosas. Mas o verdadeiro amador do jogo não é o que mais aposta, mas sim o que melhor conhece as regras da pelota vasca, o ténis dos homes fortes, mescolos. — Efe

Leonardo Torrego

Fábrica de Luvas



Malas
Cintas

Fuencarral, 22
Teléfono 210761

MADRID

Fotos J. GARCIA



Na fase que acima apresentamos vê-se o guarda-rede espanhol Callejas, hoje no Elvas, antecipar-se a um ataque de Peyroteo. Ao lado, nova intervenção enérgica de Callejas, carregado por Jesus Correia.

VITÓRIA *difícil do* **SPORTING**

Fotos MANIQUE



Os Belenenses **IMPÕE-SE** *contra o* **VITÓRIA** *de* **SETÚBAL**

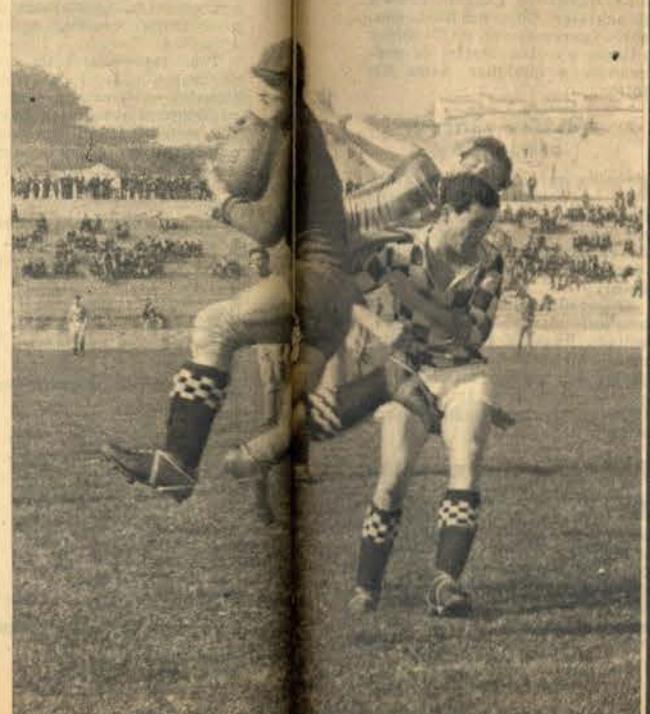
Tres fases do jogo disputado entre homens de Belem e de Setubal:
Em cima — Uma fuga enérgica de Teixeira da Silva; ao meio, enquanto Sérgio abandona a rede, Vasco devolve, com a cabeça, uma bola alta; ao fundo, as mãos de Sérgio chegam primeiro à bola, destruindo a oposição de um adversário

ATLÉTICO, 3 **BOAVISTA, 1**



O guarda-rede do Boavista, Mota, defendeu com segurança, contra o Atlético. Eis a demonstração

Nova defesa arrojada e certuna de Mota, aos pés de Vital. Ben David, que se estrou no Atlético, observa o lance



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

Em Inglaterra

Os jogos para a trigésima primeira jornada do campeonato da Liga não produziram quaisquer surpresas, mantendo-se os clubes na mesma posição relativa, pelo que respeita à primeira Divisão.

O Arsenal, clube fronteiro na classificação, aumentou o seu avanço pontual batendo rotundamente (5-2) o Wolverhampton, debaixo de um nevoeiro cerrado, circunstância esta que prejudicou o espectáculo e irritou o público, justamente mal humorado com o caso. O Charlton recebeu Everton no seu campo e teve entre a assistência o próprio Primeiro Ministro, Sr. Atlee, mas nem assim pode livrar-se de apuros, deixando-se bater por 3-2; Liverpool regulou a sorte do Huddersfield, por 4-0, outro tanto fazendo o Manchester United — favorito da Taça — ao Sunderland, por 3-1.

Na cauda da classificação suam bastante cinco clubes, entre os quais o Chelsea, que empatou com o Middles, o Bolton, o Huddersfield e o próprio Liverpool, vencedor do campeonato em 1947, não está livre de um desgosto.

O principal jogo da jornada foi travado entre o Derby County e o Queen's Park Rangers, para apuramento do meio-finalista da Taça. Conforme prevíamos, o Derby alcançou um triunfo rotundo, reforçado por uma série de azares acontecidos aos jogadores contrários, de tal modo que o resultado 5-0 podia ser ainda maior, dado que os londrinos terminaram o desafio apenas com nove homens em campo.

O sorteio para as meias-finais, que se realizam brevemente, decidiu opôr o Manchester ao Derby e o Blackpool ao Tottenham, sendo favoritos os dois primeiros designados em cada eliminatória. Uma final entre as duas equipas do Condado de Lencastre seria a reedição do que se passou em 1933, quando o Everton bateu o Manchester City, na final, mas, nós, auguramos ver em Wembley o Derby e o Manchester, de preferência a qualquer outra hipótese.

A Gales venceu a Irlanda

Contra os melhores prognósticos, a equipa representativa de Gales bateu a da Irlanda por 2-0, em Wrexham, e pôs-se à frente da classificação do campeonato inter-nacionalidades da Grã-Bretanha.

O guarda-redes irlandês, Hinton, num mau dia, facilitou o resultado final do jogo. Presentemente, a classificação dos quatro países é a seguinte: Gales (3 jogos, 2 vit. e 1 der); Inglaterra (2 jogos, 1 vit. e 1 emp.); Irlanda e Escócia.

RAF e Exército, empatou

O grupo da RAF perdeu várias oportunidades de bater a equipa do Exército, durante o encontro celebrado em Wolverhampton, no dia 10 do corrente mas, no fim dos noventa minutos de jogo, verificou-se um empate sem tentos.

BOXE

Tony Zale reapareceu

Tony Zale, o veterano ex-campeão mundial de «médios» voltou à liça, depois de alguns meses de ausência que se seguiram à sua derrota em frente de Graciano. Oposto, agora, a um jovem ambicioso conseguiu romper-lhe a arcada supraciliar esquerda, levando o árbitro à suspensão do combate.

Cerdan e Roach aprestam-se

Na data em que escrevemos está a poucas horas de se efectuar o combate Roach-Cerdan, em Nova York. O francês parece em excelente forma, pesando 71 quilos, e o americano igualmente. Dado que Lavern Roache tem pouca força de sôco, pode prever-se uma vitória para o francês, provavelmente por pontos, o que não será muito brilhante, aliás.

Weidin ganha em Londres

No Royal Albert Hall, o campeão austriaco Joe Weidin ganhou ao mediocre pugilista, Alf Brown, por interrupção do combate no 2.º assalto. Ambos estes «pesados» falharam muitos golpes e Brown esteve prestes a causar uma forte surpresa acertando uma «cacetada» no maxilar do austriaco, que o atordou consideravelmente.

Gus Lesnevich pôs Fox Knockout

Foi uma brilhante vitória do campeão do Mundo dos «semi-pesados», efectuada em Nova York, a 6 do corrente. Em 1 minuto e 58 segundos ficou regulada a sorte do mulato de Filadélfia que não aguentou o impulso inicial, irresistível do título.

O mais cotado adversário de Lesnevich, agora, é outro negro, Ezzard Charles, tipo temível pelo seu poder de sôco.

Romero distingue-se

Luis Romero voltou a distinguir-se, combatendo com o francês Bernard Dodin, que abandonou no início do 6.º assalto, depois de metódicamente triturado pelo duplo campeão espanhol («levisimos» e «semi-leves»).

No mesmo programa, Mariano Diaz venceu por pontos o italiano Bob Serpi.

Jinny Bivins ganha a Turkey Thompson

Os negros Bivins e Thompson, dois glúteos magníficos de pancadaria mediram forças em

NOTA DA SEMANA

ENCONTRAM-SE muito adeantados os trabalhos de adaptação e reconstrução do antigo Centro de Convalescência do Exército Inglês, em Richmond Park, que será um dos três locais (os dois restantes são os antigos acampamentos da RAF, em Uxbridge e West Drayson) onde se alberguem os concorrentes estrangeiros aos Jogos Olímpicos, de Londres.

Antigo parque real, desde 1637, no tempo de Carlos I, fica situado num pequeno morro donde se destruiu magnífico panorama e cobre uma área de perto de mil hectares. Nesse acampamento construíram-se 80 edifícios próprios, acomodando cerca de 1.500 participantes, treinadores, maçagistas, etc., e duas centenas de empregados.

O dispositivo das habitações, cada uma das quais permite agrupar oito pessoas por secção, além de um quarto particular para o chefe da delegação, acha-se distribuído em torno dos balneários e dos lavabos. A distâncias convenientes ficam, também, as cozinhas, os refeitórios, os postos médicos, dentários, de fisioterapia, massagem, etc.

Dois ginásios, onde se podem efectuar passagens de filmes, um deles apetrechado para receber 500 espectadores, completam o conjunto a que não faltarão, igualmente, oficinas de cabeleireiro, sapateiro, lavandaria, café, agência bancária, correios, etc., etc.

O único problema, de certa maneira difícil, de encerrar e resolver, pelo Comité Olímpico Inglês, tem sido o da alimentação. Lord Burghley revelou que são necessárias duzentas toneladas de produtos alimentares para suprir as necessidades dos atletas e dirigentes norte-americanos, mas espera-se que o próprio país contribua, por meio de subscrição geral, na satisfação dessa imperiosa exigência.

A título comparativo, da magnitude da empresa, mencionaremos aqui algumas cifras: computaram-se em 216.000 a quantidade dos ovos necessários, em 30 toneladas, o total das carnes, em 12 o açúcar e em 7,5 ton. o quantitativo da manteiga.

A organização de uma empresa de tal quilate jamais poderia efectuar-se sem o concurso dos poderes públicos. Todavia, em Inglaterra pensa-se diversamente, isto é, que o Estado pouco ou nada tem que ver com as iniciativas das empresas particulares (e neste caso se encontra o Comité Olímpico Inglês) concedendo-lhes, apenas, facilidades máximas dentro do plano geral de trabalhos dos ministérios.

A tarefa é, por conseguinte, muito momentosa e por melhor que se resolva, jamais pode ser equiparada a formidável organização germânica — impedeável e inultrapassável — dos Jogos Olímpicos de Berlim.

R. B.

Los Angeles. Bevins, já veterano, mas rijo e experiente, conseguiu ganhar por pontos, ao cabo de dez assaltos, deixando o público de Los Angeles muito satisfeito com a vitória do seu favorito.

Moussa vence Fernandez

O campeão de França de «semi-leves», Georges Mousse bateu em Paris, por pontos, o seu mais próximo rival, o hispano-gaulez, Fernandez cujo poder de golpe o faz temido na própria classe e na imediata.

Após um bom combate, Mousse ganhou a decisão por pontos. O próximo adversário de Moussa deve ser o irregular cigano parisiense Theo Médina.

TÊNIS

Massip triunfa em Lyon

O forte jogador espanhol Pedro Massip, que os lisboetas muito bem conhecem por terem já visto actuar nos nossos courts, ganhou em Lyon o campeonato internacional. Massip qualificou-se para o último match derrotando o veterano jogador Jean Borotra, em 5 partidas, e na final bateu Henri Cochet, que por seu turno ganhara ao australiano Jack Harper.

Em ambos os desafios pode dizer-se que triunfou a juventude sobre a experiência.

Domingos Carrilho Demétrio (Patalino)

(DO ELVAS)



Nasceu em Elvas, a 29 de Junho de 1922. Na época de 1943-44 alinhou pelo Lanifícios Futebol Clube, de Portalegre, passando em 1944-45 para o clube de Elvas, camisola que tem defendido com as suas qualidades de centro-avanzado dinâmico, acutilante, de remate forte e certo. 1 vez internacional.

Rogério Contreiras Simão

(DO BENFICA)



Nasceu em Castro Verde, a 25 de Dezembro de 1922. Começou a sua carreira no Barreiro, de 1938 a 1942. Nas duas épocas seguidas alinhou no Fósforos (1942 a 44), passando depois para o Vianense onde esteve de 1945 a 47. Na presente época tem-se destacado notavelmente como guarda-redes do Benfica: ágil e ousado, olho de águia e destemido.

SARF

A DOCA DE BELÉM VAI SER ADAPTADA às necessidades dos desportos náuticos

É inegável que os desportos náuticos têm progredido consideravelmente no nosso país nos últimos anos.

A um maior desenvolvimento em profundidade — para o que malíssimo tem contribuído a acção da «Cidade Portuguesa» — tem correspondido, como natural e lógico corolário, um aumento progressivo de classe internacional, por diversas vezes exuberantemente afirmada nas principais regatas da Europa e da América.

Decididamente, os desportos náuticos — com a vela em lugar de honra — atingiram o primeiro plano na vida desportiva portuguesa, o lugar a que, aliás, por

des do ramo, vivendo muito embora, em péssimas condições.

Tão importante melhoramento, cuja execução tem merecido o maior interesse do sr. coronel Manuel Gomes de Araújo, Ministro das Comunicações, foi estudado pelas repartições técnicas competentes de acordo com a Federação Portuguesa de Vela, organismo que superintende nas referidas actividades desportivas.

Naquela doca estabelecer-se-ão também as instalações destinadas às embarcações de pequeno calado, visto que para os barcos de cruzado se reserva a doca do Bom Sucesso, quando os serviços da Aviação Naval

qual se apoiarão as embarcações.

A plataforma da grua substituirá a existente, em deficientes condições de conservação, e destina-se ao assentamento de um aparelho elevatório de embarcações que necessitem ser retiradas da água, sendo constituída por muros de alvenaria, com paramento de enxilharia.

A segunda fase dos trabalhos

A segunda fase consta da construção de escadas de cantaria nos taludes empedrados; colocação de cabeços e argolas de amarração; e execução de estendais de velas. Estes trabalhos estão igualmente já adjudicados pela importância de 360.000\$00. As escadas do talude empedrado destinam-se a garantir o acesso às embarcações ancoradas no interior da doca; terão a largura de 2 metros, com base à cota de 1 metro acima do zero hidrográfico.

Os estendais de velas, situados nos topos dos molhos da doca, apresentarão uma laixa central, perfeitamente nivelada, que se destina à colocação de barcos sujeitos à medição; o pavimento será constituído por placas de betão.

Um cais acostável para todas as embarcações de recreio

Na terceira fase estão incluídas as seguintes obras: execução de cais com fundo de três metros, para a costagem das embarcações da marinha de recreio. Esta fase de trabalhos está adjudicada por 614.950\$00.

O cais acostável, destinado a todas as embarcações de recreio, terá fundos de 3 metros abaixo do zero hidrográfico, e o comprimento de 30 metros e, localizando no eixo da entrada da doca, ficará de certo modo abrigado

dos ventos S. W. Será limitado por muros de alvenaria hidráulica, com paramentos vistos de enxilharia rematados por cordamento de cantaria, e dotado de escadas e dos respectivos órgãos de amarração.

Lavagem de velame, limpeza de barcos e instalações dos clubes

Por último proceder-se-á à instalação de canalizações de distribuição de água. O projecto destas obras encontra-se elaborado e orçada em 125.000\$00, aguardando-se apenas o desenvolvimento dos trabalhos das fases precedentes para ser aberto o respectivo concurso público. Estas canalizações serão estabelecidas de modo a permitir a localização das tomadas nos locais que melhor satisficam ao abastecimento. Das embarcações, lavagens de velame, limpeza de barcos, etc. Além disso, está ainda prevista a instalação de bombas lorneadoras de combustíveis líquidos, no cais acostável atrás referido.

Todos estes trabalhos, reputados indispensáveis à adaptação da doca de Belém à actividade do desporto náutico, importarão, como se disse, em cerca de mil e quinhentos contos, devendo estar concluídos em fins do primeiro semestre do corrente ano.

Nos terrenos a nascente da doca, frente ao mar, ficarão os pavilhões da Brigada Naval, Mare Nostrum, Clube Naval de Lisboa e «Cidade Portuguesa». Por detrás do primeiro, instalar-se-ão os da Associação Naval, Sport Algés e Dafundo e Clube Náutico.

E graças a tudo isto, hoje, o culto do mar é já uma animadora certeza que nos permite ver rentadas e em vias de completo restoramento as seculares tradições marítimas do povo português.



A doca de Belém

um conjunto de circunstâncias, têm inteiro jas.

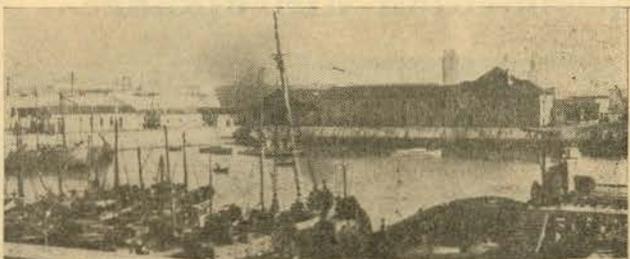
Não admira, pois, que tenha sido recebida nos meios náuticos com o maior júbilo a notícia dos importantes melhoramentos que vão ser introduzidos na doca de Belém, melhoramentos que se tornavam, de facto, indispensáveis para que os desportistas do mar, servidos por melhores e mais modernas instalações, possam continuar a sua progressiva actividade rodeados dos meios de acção que amplamente merecem.

Um projecto grandioso cuja primeira fase importará em 420 contos

Incluídas no plano de melhoramentos do Porto de Lisboa e de acordo com a Federação Portuguesa de Vela, vão ser executadas, na doca de Belém e nos terrenos que lhe ficam a nascente, algumas obras que se destinam a adaptar esta área às necessidades dos desportos náuticos, que assim recebem um grande impulso por parte das entidades oficiais, aliás, justificados pelas diversas modalidades

forem transferidos para o Montijo. Orçados em cerca de 1.500 contos, os citadas obras serão levadas a efeito em quatro fases. A primeira compreende a construção da grade das marés para queragem de pequenas embarcações e da plataforma para instalação de uma grua.

A execução destes obras está já adjudicada pela importância de 450.000\$00. A grade de marés tem por fim permitir a queragem das embarcações que necessitem de reparação ou beneliciação. Localizou-se na proximidade do armazem de recolha das embarcações, incorporada no talude empedrado existente, cuja fraca inclinação permite a construção desta obra, sem redução da área cobrada da doca. Terá 25 metros de comprimento por 7 de largura útil, sendo limitada por muros de alvenaria, com paramentos de enxilharia e cordamento de cantaria, providos de cabeços de amarração necessários às operações de queragem dos barcos. Nos topos da grade de marés serão estabelecidas escadas de acesso à soleira, e no lejado desta será fixado um engradado de madeira, à cota de 1,80 m. acima do zero hidrográfico, no



A doca do Bonsucesso

O BENFICA

TRIUNFOU EM COIMBRA



Fotos MARQUES DE CARVALHO



Os encarnados, depois de suportarem um empate a 2-2, conseguiram triunfar meritõriamente no campo da Académica. Alguns aspectos: à esquerda — dois estudantes perseguem Vítor Baptista, que procura centrar; à direita — uma avançada coimbrã interrompida por Jacinto; em baixo — uma boa entrada de Brás, com surpresa para os adversários



Fotos HERMANN

O F. C. P.

experimentou dificuldades...



OS ALGARVIOS EMPATARAM

Em Vila Real de Santo António deu-se um empate a 0-0, entre o Olhanense e o Lusitano. Uma defesa de Abraão



No Campo da Constituição, contra o grupo da casa, conseguiu o Sporting de Braga um resultado lisonjeiro. Vê-se que todos os adversários são difíceis! Nestas duas fases apreciavam-se os dois golos do Porto: em cima marcado por Joaquim (o 2.º), e em baixo por Araújo, que rematou em desequilíbrio (o 1.º)

A Académica de Santarém

diz-nos porque recusou a fusão que lhe foi proposta e o que originou o corte de relações com o clube que a pretendia...

... Através do desassombrado depoimento do seu presidente



Eduardo de Sousa Máximo
activo presidente de Académica de Santarém

As palavras que acêrca do «conflito» «Leões»-Académica de Santarém — culminado com o corte de relações entre as duas colectividades! — escrevemos em recente número da nossa Revista, tiveram o condão de despertar o meio desportivo scalabitano, que tem seguido com apaixonado interesse o debate travado à volta do assunto. As cartas que da nossa terra recebemos, assim no-lo indicaram. Resolvemos, portanto, uma deslocação à capital Ribatejana, para «in-locco» colher opiniões, reunir elementos que nos habilitassem à emissão dum juízo seguro sobre o que reputávamos contrário à ideia desportiva. E confessamos que fomos felizes na viagem. Depuseram para a nossa Revista, o prestigioso presidente da A. F. Santarém, conhecido desportista Agostinho Maritano e o presidente da colectividade mais afectada pelo desfecho das negociações tendentes à fusão das colectividades scalabitanas: a Associação Académica.

Principiaremos por dar aos nossos leitores a entrevista que este último, um nome que a agremiação que dirige muito preza e respeita, pelo que por ela se tem sacrificado, nos deu. Foi no silêncio do gabinete directivo do seu clube que Eduardo de Sousa Máximo nos falou, assistido dos seus colegas de direcção, Carlos Marques Perdigão, José M. Serrenho Pereira, Francisco Madeira Cacho e António Saldanha Palhoto.

Dir-se-ia uma reunião de directores.

Aqui começa a história...

Pedimos a Eduardo Máximo que nos «transportasse» à origem do conflito. A anuência foi pronta.

— Foi em meados de Outubro do ano findo que o S. G. Scalabitano «Os Leões», aproveitando uma ideia que já por duas vezes, em anos anteriores, se ventilara em vão, iniciaram uma campanha tendente à fusão das colectividades desportivas de Santarém.

— Justificavam-na com algum motivo?

— Sim! Alegavam que não possuíam equipa capaz de os representar condignamente no campeonato nacional da segunda divisão, a cuja disputa foram chamados inesperadamente, por o Alhandra S. C. — que era o campeão do distrito — haver

sido compelido a ingressar na Associação de Lisboa.

— Como foram conduzidos os trabalhos?...

— Na última semana de Outubro, a direcção dos «Leões» pediu às dos restantes clubes congêneres que se pronunciassem com brevidade sobre o pedido de fusão. Assim, em um de Novembro, reuniram as respectivas assembleias gerais, que tomaram as decisões que mais lhes convinham...

— Quais foram?

— A massa associativa do meu clube recusou, após uma sessão que ficou memorável e durante a qual se fizeram eloquentes afirmações de fé nos destinos da briosa Associação Académica. Eu, que nessa gerência presidia à mesa da assembleia geral, fui para a reunião convencido de que a massa associativa da minha colectividade — para cuja resolução, aliás, não procurei exercer influência — saberia ter em conta o passado do seu clube, as modestas mas gloriosas recordações que arquiva na sua sede, os laços de estreita amizade que a unem e fazem que a Académica seja uma família, um agrupado de irmãos que muito se estimam. Não me enganem nesse convencimento.

E a concluir:

— Esquecer todo um passado de imperceptíveis recordações, entregando a um clube que sentimos que não é o nosso tudo que nos prende a uma história que não sendo longa já é brilhante, seria morrer ingloriamente! E foi isso, exactamente, o que sentiram as centenas de «briosos» que se agrupam sob o nosso estandarte.

A fusão não era aconselhável

— Mas, objectamos, sob o ponto de vista desportivo, o seu clube não lucraria com a fusão?...

O nosso interlocutor tem um sor-

riso, em que julgamos ver censura, e responde-nos:

— Nem desportivamente, nem materialmente.

E folheando «dossiers» que nos vai mostrando, para ilustrar a sua exposição, Eduardo Máximo continua:

— O que vou mostrar-lhe refere-se, apenas, à nossa actividade desportiva no último ano. Creio que basta para desmentir a estúpida atoarda que para aí se propalou de que a Académica não pratica desporto. Ora veja: em atletismo, depois de havermos lançado a ideia da fundação duma Associação Regional, que orientasse e movimentasse a modalidade, no distrito, o que não conseguimos devido ao desinteresse dos restantes clubes, tomámos parte em três torneios — tantos quantos se realizaram — e de todos fomos vencedores, com um total de doze primeiros lugares, quinze segundos, dez terceiros. No último destes torneios registou-se, até, a colaboração de clubes estranhos à cidade, como o Desportivo de Torres Novas e o Oriental de Lisboa. Em voleibol, também fomos vencedores absolutos de todas as provas, excepto no encontro que disputámos com o Sporting Clube de Portugal, nas festas do nosso XVI Aniversário, e que perdemos por 3-1. De resto, ganhámos a Taça «António Cacho», contra o Caldas Sport Clube, em duas voltas, além doutros encontros. Também em ténis de mesa podemos considerar satisfatória a nossa actuação. Ganhámos o campeonato Ribatejano, organização do «II Congresso da Casa do Ribatejo», depois de batermos Vila Franca e Tomar, que eliminaram Abrantes. Fomos os triunfadores no «Campeonato Scalabitano», ao qual concorremos com outra equipa que se classificou em terceiro lugar. Conquistamos, também, a Taça «João dos Santos Lúcio»; vencemos,

ainda, um torneio em Alcanena, e culminamos com a nossa actividade trazendo a Santarém uma equipa de Sporting, composta por Carlos Felo, Gago da Silva e Mário Santos II.

E a terminar:

— Como vê, embora modesta, a nossa actividade desportiva não é nula. Só em futebol não estamos, como nas restantes modalidades, à frente de todos os outros clubes locais. É claro que me refiro à categoria de honra, porquanto o meu clube dedica mais atenção ao trabalho em profundidade, dadas as suas características de colectividade essencial-



A acção da «Académica de Santarém» visa, especialmente, a preparação física das camadas juvenis. Aqui temos a sua equipa de juniores de futebol, vencedora do respectivo «Campeonato Regional» do ano de 1947

mente amadora, que não aceita no seu grémio elementos que não hajam sido, ou não sejam ainda, estudantes. Para formar equipas seniores, precisaríamos de rapazes com mais de dezoito anos. E quando o estudante termina o seu curso liceal alta em que busca outras paragens para continuar os estudos, pois em Santarém não há cursos superiores — tem de zassete, em regra. Como vê, é uma questão de impossibilidade absoluta.

— E os resultados conseguidos com os juniores, são satisfatórios?

— O melhor possível. Na última época, só não terminamos o campeonato distrital por à data dos derradeiros jogos já estarem em férias a maioria dos componentes da equipa. Mas fomos vencedores do Regional, com absoluta regularidade. E na época presente, vamos em primeiro lugar no Regional, de novo.

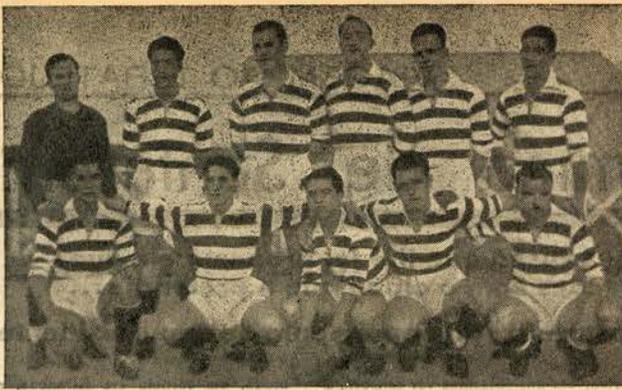
— Apreciado o lado desportivo, diga-nos agora, por favor, porque não havia vantagem material para a Académica, com a fusão?

— Porque dispõe de massa associativa suficiente para garantir a sua continuidade financeira. Não vivemos desafogadamente, é certo! Mas o número de associados que contamos, a pagar, e se eleva a cerca de seiscentos, permite-nos encetar o futuro de modo satisfatório. Dispomos,

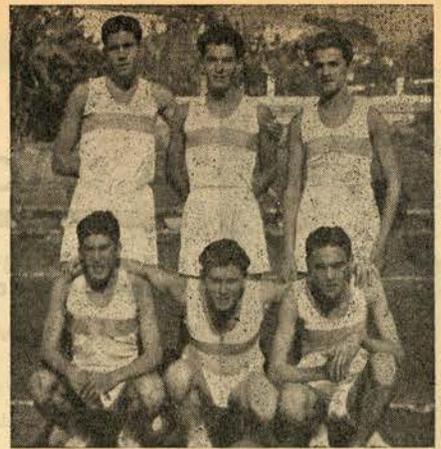


A equipa de ténis de mesa que em 1947 ganhou o «Campeonato Ribatejano». Gente nova que desmente a afirmação de que a sua colectividade não pratica desporto

(Continua na pág. 18)



Ateneu Clube de Reguengos, campeão regional do distrito de Évora, actualmente treinado pelo sr. Agostinho Romeirão. De pé e da esquerda para a direita: — Reis, Felé, F. Margalha, A. Canha (capitão), J. Nanes e Jacinto Mestre. De joelhos pela mesma ordem: — António José, L. Medinas, M. Padilha, J. Palmeiro e M. Faria



O conjunto de volei do Grupo Desportivo «Os Treze», do Funchal. De pé da esquerda para a direita: Oliveira, Quintino e Jona. Ajoelhados pela mesma ordem: Teodorico, Figueira e Alberto

Stadium na Província



A 1.ª categoria do C. de Futebol «Os Morlaltas», de Contanhede, campeão do distrito. Primeiro plano: J. Santos, Rosa, Alves 2.º, Alves 1.º e Bronze. Segundo plano: — J. Salgado, J. Gaspar, Reis, Ernesto, Gaspar 3.º, Gaspar 2.º, Nobais e o treinador Mourinha



A equipa representativa de Amboim, que triunfou na «Teça C. A. D. A.», oferta da Companhia Angolana de Agricultura. Esta teça foi instituída o ano passado, tendo sido ganha pelo Sporting Clube de Novo Redondo, num torneio relâmpago efectando nesta localidade. Este ano a prova era mais difícil, pois foi efectuada em duas mãos sempre em campo neutro o que mais valoriza a vitória, que pertenceu à Associação Recreativa do Amboim. Na fotografia junta, vê-se: no primeiro plano, da esquerda para a direita: — Nascimento, Almeida, Sousa e Martinho. 2.º plano e pela mesma ordem: Figueiredo (Canário), Ernesto, Rocha, Castro e Silva (capitão), Correia, Semblano e Rodrigues



Grupo de honra do Electro F. C., de Ponte do Sôr: — Em baixo — Pinto, David, Amado, Hipólito e Cosme; em cima: — Luís, Ferreira, Nanes, Maurício, Esteves e Severiano, ladiados por Ivo, Gueifão e Fernando (directores)



O grupo do Sport Clube de Rio Tinto, campeão regional da 3.ª Divisão da A. F. do Porto. Da esquerda para a direita — Um director, Silvestre, Moura, José Maria 1.º, Domingos, Vieira, José Maria 2.º, Vitorino, Arnaldo (cap.) Rodrigues, Pereira, Folgado e a mascote da equipa. Falta o habitual extremo-esquerdo, Rui Gonçalves

Acontecimentos Desportivos



Benficia e Sporting — os grandes rivais de sempre — tiveram no domingo dois encontros de futebol. Primeiro os juniores que no campo alliança derrotaram o Benficia por 5-1, depois as categorias «reservas» na taça «Cosme Damião». Neste jogo a vitória pertenceu ao Benficia por 3-1



A disputa da taça «coronel Gonçalves Mendes» no Lisboa Ginásio Club, constituiu uma das mais animadas provas pelo interesse que todos os atiradores lhe dedicaram e pelo avultado número de inscrições que se verificaram — 84 esgrimistas nas três armas. Fernando Freitas da Casa Militar foi o vencedor da taça Stadium na prova de sabre. Na de florete triunfou o dr. Jorge Oom (G. C. P.) e na de espada, da qual damos um aspecto de um dos assaltos, a vitória pertenceu a Manuel Pinheiro Chagas



O Campeonato de Lisboa de raguebi prossegue, animado pelo entusiasmo dos quatro Clubes concorrentes. Benficia e Belenenses disputaram no Domingo o seu jogo da segunda volta do torneio. Nesta fase um «encarnado» de posse da bola lança-se para uma avançada que será pouco depois «travada» pela enérgica intervenção do adversário belenense. — O Benficia venceu por 16-13



Proclamados nas respectivas assembleias gerais os novos dirigentes dos 3 principais clubes de Lisboa já assumiram os seus cargos. Os autos de posse, tanto no Benficia, no Sporting, como no Belenenses, decorreram por forma elevada e com grande entusiasmo por parte das massas associativas. Publicamos dois aspectos desses actos, no Sporting, onde o dr. Ribeiro Ferreira pronunciou um discurso no qual expôs eloquentemente o novo plano de trabalhos, e no Benficia cujo acto se revestiu de grande significado



No Pavilhão dos Desportos os tenistas portugueses deirontaram os campeões brasileiros Ernesto Patterson, Manuel Fernandes e Alvaro Osório, reatando-se assim um encontro que há anos não se verificava. O nosso cliché foca, no momento de se iniciarem esses campeonatos, os tenistas Fernandes, Prata Dias, Osório, Azevedo Gomes, Patterson e Cohen, acompanhados pelo sr. Serra e Moura dirigente da Federação de Tenis



O Ginásio Club Português está comemorando o 75.º aniversário. Durante a presente semana vários serões desportivos demonstrarão mais uma vez o que é e o que vale o prestígio do Instituto de educação física. No passado domingo um almoço de confraternização assinalou o início das comemorações

A Académica de Santarém

(Continuação da pág. 15)

como viu, duma sede que está absolutamente à altura das nossas necessidades e, até — perdõe-se-nos a vaidade — de bem honrar, perante estranhos, as nossas tradições. Que lucrariamos, pois, com a fusão? Nas modalidades desportivas que praticamos, ainda não deixamos mal colocado o nome de Santarém. Os que nos visitem não poderão dizer, com propriedade, que não temos «casas» para os acolher.

E, a finalizar — Que nos foi oferecido pelo clube que pretendia unir-se a nós? Um passado? Também o temos embora menos custo, mas não menos honroso! Um «palmaris» desportivo? Não sobreleva o nosso! Um património artístico? Os troféus que possuímos — num total de quarenta e seis taças, um bronze e uma placa, treze galhardetes e trinta e três medalhas — não é inferior ao seu. Uma sede? A sua, nem de longe iguala a nossa...

Um contrato que se rescinde por despeito...

«Aproveitamos a «suspensão» para interrogar:

— É a questão do campo?
O nosso amável entrevistado historicamente respondeu:
— Esse é o ponto nevrálgico do assunto. Como sabe, a Associação Académica não dispõe de campo de futebol. Conta, apenas, com o recinto

de voleibol, o que nos levou, em 1941, a firmar acôrdo escrito com o S. G. S. «Os Leões» para a cedência do seu campo. Esta, convencionou-se que seria para treinos e desafios e que os nossos associados teriam, para ingresso nele, idênticos direitos aos dos do dono do campo. O contrato cumpriu-se sempre, de parte a parte, até Novembro do ano findo.

— Como se renovava?
— Por «meros» officios que anualmente nos eram enviados. Até que em Novembro último recebemos um officio — por sinal assinado por alguém que não é director do clube detentor do campo; é ainda para mais, menor — a considerar sem efeito o contrato anterior, para realização de jogos officiais, anulando, até, a comunicação escrita, que antes da proposta de fusão se nos fizera de que continuavam de pé todas as anteriores condições. E é deste último pormenor que resalta a má-fé com que se andou...

— Cêr, então, que a rescisão foi uma «revanche»?

— Absolutamente!
E, com energia, o nosso interlocutor continua:

— Como não hei-de pensar assim, se ela se deu nas condições que lhe apontei e todos conhecem? Poderia deixar de ir abertamente; para essa ideia, se não se tem dito ao meu clube, anteriormente, que podia continuar a utilizar o campo para depois se quebrar levemente um compromisso de tal natureza.

— Qual a posição da Académica, actualmente?

— Aguardamos que a A. F. Santarém se pronuncie sobre uma exposição, clara e fiel, que há dois meses lhe apresentamos, narrando os factos com minúcia; para que se tome uma decisão. Entretanto, cortadas as relações com o clube que tentou prejudicar-nos, firmamos acôrdo com o União Operária, para a cedência do do seu campo. E cabe aqui referenciar as facilidades que encontramos por parte da direcção deste clube, para a resolução do nosso problema. Talvez elas tivessem desiludido alguém, mas o que é facto é que nos foram proporcionados, e que o meu clube pode continuar a praticar futebol.

— Procuraram saber se juridicamente a rescisão do contrato poderia fazer-se?

— Os advogados que consultamos, dizem-nos que a razão está do nosso lado. As despesas dum pleito judicial, sempre elevadas, é que nos levam a não ir para tal caminho. Além de que não queremos mais do que seja reconhecida, superiormente, pelas entidades que orientam a organização desportiva do nosso país, a falta de desportivismo de determinados dirigentes. Não nos parece que seja humano — como muito bem se frizou na sua Revista — obrigar alguém a comungar num credo de que não é partidário. Não nos interessa a fusão — que, aliás, não guerreamos — cremos que nos assiste o direito de continuar vivendo como até aqui.

Palavras claras

A entrevista vai longa, e a hora do regresso a Lisboa aproxima-se. Dá-la-emos por finda logo que obtenhamos resposta às duas perguntas que ainda nos bailam nos lábios.

— Qual é o pensamento da opinião pública de Santarém, perante o conflito?

— A opinião dos meus conterrâneos não pode ser outra que não a de estar com a verdade. E esta, pendê para o nosso lado. É certo que alguns mal-intencionados, passando por cima de toda a verdade, e até de todos os princípios da dignidade, nos caluniam com acusações falhas de sentido e de justiça. A attitude deles, porém, não nos importará. Com a consciência do dever cumprido, com a certeza que lhe vem do seu passado em prol do Desporto, a Associação Académica a que me orgulho de pertencer e à qual me prendem laços afectivos que nem os homens nem o tempo conseguirão destruir, caminhará sempre de cabeça erguida, pois se alguém há que tenha de a curvar não seremos nós, que apenas trilhamos o caminho recto da verdade.

— Ponderadas as razões que levaram a Académica a não reconhecer que lhe seria útil a fusão, poderia dizer-me se esta traria vantagens a Santarém?

— É delicada a pergunta, visto que não conheço, como calculará, a vida interna das outras colectividades. Desportivamente, porém, creio que lhe poderei dizer que seriam nulos os resultados. No campo futebolístico, Santarém não conta com um número de praticantes capazes de levarem o seu representante ao Campeonato Nacional à posição que se disse desejar-se. Para recrutar elementos de outras terras, inclusive de

MÁ PROPAGANDA

O rugby português, reduzido à actividade de quatro equipas lisboenenses, apresentou-se no início desta temporada decidido pela voz dos seus novos dirigentes, a empenhar-se esforçadamente para conseguir subida de valor, de prestígio e de popularidade.

As intenções eram excelentes; a realidade não lhes correspondeu. Há quinze dias, perante numerosos espectadores trazidos pelo interesse por outra modalidade, duas equipas com pesadas responsabilidades esqueceram a lei do «fair-play», confundiram virilidade com violência e, depois de sucessivos incidentes, concluíram a sua lamentável exhibição em desordem generalizada.

Esta é a pior das propagandas.

O rugby, pela própria natureza das suas regras, pela liberdade de acção que permite aos que o praticam, exige a estes uma nítida compreensão do espírito desportivo, da lealdade, da compostura, da serenidade ante todas as eventualidades.

Os exaerados devem ser punidos com o máximo rigor; aqueles que não provem domínio de nervos suficiente para resistir à excitação da contenda, é preferível escorraçá-los definitivamente a procurar corrigi-los com sucessivas punições.

Como sempre sucede nestas circunstâncias, a acção dos dirigentes, por mais enérgica que queira ser, resulta impropicia se os árbitros, no desempenho das suas funções, não provarem capacidade disciplinadora, autoridade inflexível, conhecimento exacto da lei e espírito esclarecido no discernimento das intenções dos homens sob sua direcção.

Cenas como essas, a que nos referimos, não podem hoje passar-se num terreno de desporto; se o próprio desporto que as determina não possui meios e força para lhes por termo, então é preferível pôr um ponto final na sua actividade.

Lisboa, então podem as coisas ficar como estão, pois é o que se faz actualmente, com raras excepções. Fundir todos os clubes da cidade, para ter que continuar-se a ir buscar reforços fora, não me parece que seja contribuir para o desporto escalibano, até mesmo porque o desporto não é só o futebol. Juntando três ou quatro «misérlas» — como já vi, com felicidade, escrito não me recordo onde — não se conseguirá uma riqueza, mas sim uma miséria maior.

E a concluir:
— «Entretanto, isto não passa dum opinião pessoal. Se nos outros clubes interessar a fusão, não é a Académica que a guereará, como já afirmei. Por que a nós não interessa, não se segue que os outros não vejam vantagem nela. Nós é que não faremos!»

E com esta afirmação clara e decisiva demos fim à entrevista.

Rosa de Matos

FUTEBOL DE JUNIORES

(Continuação da página 3)

os rapazes do Sporting aumentaram a pressão sobre a frágil defesa do Benfica e não tiveram dificuldade em chegar rapidamente a 3-0.

É verdade que o Benfica também podia ter marcado, mas a precipitação dos seus avançados fez gorar os lances. Por último falou a defesa leonina.

No minuto após o começo do segundo tempo o Benfica marcou o seu gol e isto fez acreditar numa possível recuperação, mas aconteceu o que não se esperava: em vez de ser a equipa do Benfica a melhorar, foi a do Sporting que se lançou abertamente ao ataque e de tal forma que o quarto e quinto gol se apareceram a premiar o esforço da equipa leonina.

Falta agora uma jornada e já não deve haver surpresas. Sporting e Oriental serão os finalistas e cremos que o primeiro será o campeão.

Os restantes jogos não nos forneceram qualquer surpresa pelo que passamos a dar os resultados verificados:

1.ª série:	
Sporting... 5	Benfica.... 1
Belenenses... 6	Cascalheira. 1
Águia..... 2	Atlético..... 2
2.ª série:	
Tarujense... 1	Amadora... 1
Oriental... 6	Sacavenense 3
Palmense... 1	Estoril..... 1

M. V.

ARCADIA O DANCING N.º 1

Apresenta os Principes do baile espanhol

com bailes flamencos

acompanhados à guitarra por

Mary Mely — Atlantida — Mercedes Romero — Lita Anllel — Loli Palou — Miralda — Conchita Perez — Mabel Valencia

Música constante pelas orquestras

TOSELLI com o cantor Alcino Duque e ARCADIA

O guitarrista ALFREDO COSTA é gentilmente cedido pela empresa do «PIGALLE»

Abertura às 22 horas — 1.ª parte de variedades às 24,15 horas

DOIS TRIUNFOS
PORTUENSES

O Porto, ou o Norte, se assim quiserem, mandou a Lisboa uma equipa de oquei em patins, a fim de jogar contra os campeões do Mundo e da Europa — a nossa admirável selecção nacional. A equipa nortenha, embora o seu oquei seja muito mais novo, conseguiu um honroso empate, e tão honroso que a Imprensa do Sul teve justos louvores ao seu trabalho.

Antes assim. Parabéns aos rapazes. E aguardemos também que o seleccionador nacional do oquei patinado tenha chegado a conclusões...

No andebol, o Porto ganhou nitidamente. Só o guarda-redes do Sul, com a sua classe, pôde evitar derrota mais expressiva. Aqui, o seleccionador nacional apenas gostou de Montalvão e Fonseca. Francamente — não compreendemos lá muito bem...

E' uma questão de aguardar. Seja como for e o que for, o Porto obteve recentemente mais dois triunfos dignos da sua categoria desportiva.

COISAS INTERESSANTES DO CICLISMO

Da gerência da Associação de Ciclismo, como a seu tempo dissemos, ficaram afastados representantes do F. C. P. que, julgando-se com esse direito, desejava um presidente seu. Todos os clubes se agruparam contra a pretensão, e o clube azul-branco retirou-se de todos os trabalhos da entidade regional.

Ultimamente, para assuntos ligados à modalidade, foi convidado o F. C. P. a reunir-se com outras colectividades congêneras. Não compareceu.

No desejo de sabermos se o facto representava recusa de colaboração sistemática procuramos alguém que nos desse informações autorizadas. Eis o que nos disse:

— Se julgam que o F. C. P. deseja «atropelar», estão enganados. Os clubes, por intermédio dos seus representantes, não nos quiseram junto da Associação a que pertencemos e onde temos direitos? Pois fazemos-lhe a vontade — não os perturbando. Não apareceremos, para não fazer sombra.

— Mas... e as provas?
— Não, não! Na estrada ou na pista? Nada disso! Na estrada e na pista podem contar com a gente... Ai gostamos nós de aparecer...

AQUI NÃO GANHAM OS AMERICANOS...

Não se trata de um assunto «portuense». Mas de um assunto como outro qualquer. Com algum interesse para o leitor amigo das coisas desportivas.

E vamos ao caso. Determinado jornal de Lisboa apresentava-nos uma gravura, com alguns petizes de 8 anos, brincando com a bola; e depois de nos afirmar que «aquilo sim», pergunta: — «Quando teremos em Portugal a aprendizagem do futebol

na capital do NORTE

Assim não vale...

SOB o título «Na defesa da disciplina» publicou o «Comércio do Porto» o seguinte comentário:

«O torneio nacional da Primeira Divisão, perante o regulamento a que obedece — ainda não se encontrou outro melhor — facilita relações e atitudes vingativas, com ou sem razão, muito lamentáveis. Há certas localidades onde os jogos da segunda volta sofrem a influência de ambiente demasiado apaixonado e tristemente alheio às boas normas. Grupos que se têm deslocado a Olhão, por exemplo, regressam queixosos, com todo o motivo, pela maneira como foram tratados. No terreno, os adversários e, em redor, a assistência, excedem-se e dão origem a conflitos desagradáveis, sempre prejudiciais, em que as vítimas são os hóspedes.

Aconteceu, agora, isto mesmo com o F. C. do Porto, que teve de enfrentar o mau humor da formação algarvia e do público. Doestros, injúrias, apedrejamentos, agressões, etc., de tudo houve. Evidentemente, ninguém é santo e uma ocasião chega em que a medida transborda. Parto de ser alocjado, o médio-centro Carvalho ripostou... e foi expulso. Não contestamos a atitude do árbitro. Estranhamos, apenas, que só o portuense tenha sido vítima. Em consequência o grupo azul-branco fica temporariamente privado de um bom elemento, que lhe faz falta.

Coném que a Federação, entidade responsável, providencie para que tais descalos se extingam. A adopção de penalidades fortes, é indispensável. Depois, não nos lembramos que o Olhanense tenha sido mal tratado na sua vinda a esta cidade...

Não podemos conversar ainda, na altura em que escrevemos, com alguém que se tenha deslocado para Olhão com o F. C. do Porto. Logo, e como também não assistimos, não nos é possível confirmar ou desmentir o que acima fica transcrito.

Se tudo aconteceu de tal maneira, interessa dizer aos olhanenses recalitrantes: de facto, não nos lembra de ver a sua equipa mal tratada no Porto. Antes pelo contrário.

CURIOSIDADES...

Alguns jogadores do F. C. do Porto regressaram visivelmente indispostos com a arbitragem do encontro de Olhão, classificando-a de «desumana».

◆ Tem merecido comentários a maneira como al-

nas escolas, como sucede na América do Norte?».

Se tivéssemos de responder: — E quando é que se joga «de facto» futebol na América do Norte? Com tanto trabalho, não se vê nada...

Nós compreendemos o que pretende dizer o autor da notícia-legenda. Mas achamos que não vence a «oposição» com a imagem apresentada. A «oposição» tem esta arma:

— Prova-se que pensamos bem. O nosso futebol sempre tem categoria, mesmo principiando-se aos 16 anos. As tais grandes organizações da América, «as melhores do Mundo», onde os tais rapazes de 8 anos, cheios de saber, piramidais, «brincam» mas não jogam... Outro officio!

guns correspondentes de jornais desportivos relataram os desafios realizados na sua área de influência. O que num é bom, no outro é péssimo... Vá lá a gente perceber!

◆ Desde que determinados jogadores portuenses foram chamados à selecção — começaram a ter «todos os defeitos». Salvou-se Araújo, porque conseguiu «dizer-lhes como era», não dando tempo à «guerra» que se desenhava e lhe impunham!

◆ Carvalho, há pouco tempo, era o «melhor do mundo», na opinião de um seleccionador. O rapaz continua a jogar como sabe. Bem. Mas foi esquecido e nem como suplente o convidaram...

Propositadamente, deixamos de nos referir, há muito tempo, aos trabalhos dos seleccionadores nacionais. A despeito da chamada feita a vários jogadores, — a Barrigana, a Joaquim e a Calado, e de se haver confirmado a classe de Araújo — não nos pareceu muito oportuno fazer referências ao próximo Portugal-Espanha em Setembro.

Nem o esquecimento a que foram votados Alfredo e Carvalho, o primeiro preterido sem justa causa, o segundo esquecido após louvores públicos, nos conduziram para comentários que entravassem a acção dos ilustres técnicos. Também o não faremos hoje, a poucos dias do grande jogo marcado para Madrid.

Desejaremos apenas que a equipa de Portugal faça no país adversário o melhor possível. Que todos os jogadores portuenses, representando o Norte ou o Sul, o Porto, o Sporting ou o Benfica, se esforcem pela obtenção de um triunfo justo.

Que o resto seja tratado na altura própria. Lamentar agora que Barrigana seja chamado quando deveria ser ainda Azeredo, mais habitando a estes jogos no exterior e mais senhor de si; referir que Alfredo poderia muito bem ser um deusa ideal, pois Vesco não convenceu melhor; garantir mais uma vez que os amigos de Araújo se lartaram de rir, nos últimos tempos, com as tentativas de confronto, com os artigos empolados e bisantinos — parecerá deslocado.

O tempo se encarregará de fazer justiça. Os portuenses não querem representantes a mais, mas também os não querem a menos. Não toleram, lá isso não, nem as afirmações pueris, insensatas, nem as atitudes que possam ferir o seu amor próprio.

Mas bem. A equipa de Portugal joga no domingo em Madrid. Há possivelmente gente do Porto a mais. Também faltam outros. O caso não importa, nesta altura.

Todos os portuenses, mas todos, gostarão de saber que o nosso grupo foi digno. Ganhando ou perdendo! Felicidades, muitas felicidades!



O Grupo Sport Adicense simpática colectividade de Alfama — comemorou agora o seu 32.º aniversário. No último domingo visitaram a sede os srs. Governador Civil de Lisboa e Director Geral dos Desportos. A calçada de S. João da Praça foi embandeirada e em todas as janelas havia colchas de cores alegres. Os atletas do clube e as suas três gentis jogadoras de ténis de mesa acompanharam os srs. dr. Mário Madeira e coronel Sacramento Monteiro que no trajecto para a sede do Adicense foram saudados pelos moradores do bairro de cujas janelas foram atitadas flores.



OS dias estão esplêndidos. Sol claro, temperatura amena. É a Primavera que se aproxima e os campistas, amantes fervorosos do ar livre e do Sol, marcham alegres para uns momentos dessa vida saudável.

Eis este grupo do Clube de Campismo de Lisboa que o nosso fotógrafo surpreendeu quando saíam de Lisboa, muito cedo, na sua ânsia de aproveitarem todas as benesses da Natureza.

A útil modalidade terá este ano, com a realização do Acampamento Nacional nas Caldas da Rainha, um dos seus melhores motivos de propaganda além de que demonstrará o seu desenvolvimento e o interesse e entusiasmo com que, dia a dia, o campismo conquista mais adeptos.

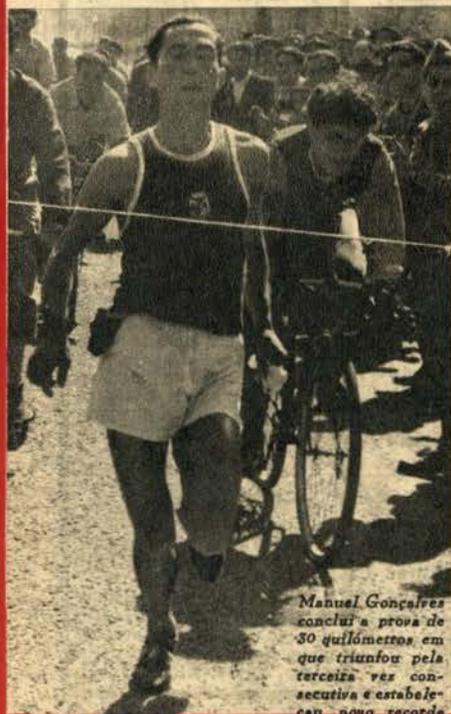
GUIMARÃES

VENCE O
ESTORIL



O Vitória de Guimarães, no seu campo conseguiu um bom triunfo, contra o Estoril. Em cima: — uma defesa segura de Latajeira; em baixo: — uma entrada oportuna de Pereira

Fotos BENIGNO CRUZ



Manuel Gonçalves conclui a prova de 30 quilómetros em que triunfou pela terceira vez consecutiva e estabeleceu novo recorde

